JANAINA AZEVEDO

ORIXÁS NA UMBANDA

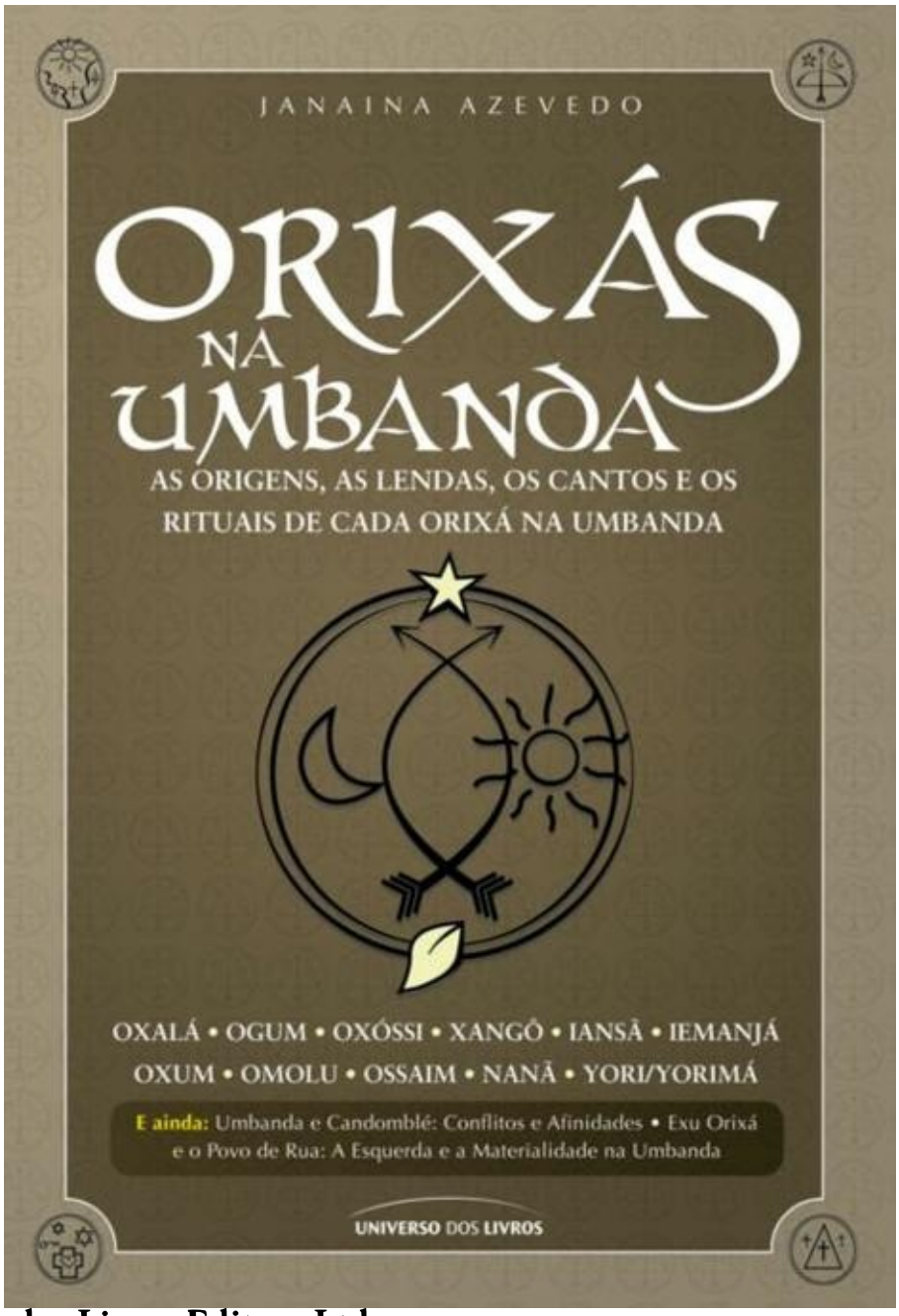
AS ORIGENS, AS LENDAS, OS CANTOS E OS RITUAIS DE CADA ORIXÁ NA UMBANDA



OXALÁ • OGUM • OXÓSSI • XANGÔ • IANSÃ • IEMANJÁ
OXUM • OMOLU • OSSAIM • NANÃ • YORI/YORIMÁ

E ainda: Umbanda e Candomblé: Conflitos e Afinidades • Exu Orixá e o Povo de Rua: A Esquerda e a Materialidade na Umbanda

UNIVERSO DOS LIVROS



Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua Haddock Lobo, 347 • 12ºandar • Cerqueira César
CEP: 01414-001 • São Paulo • SP
Telefone: (11) 3217-2600• Fax: (11) 3217-2616
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

JANAINA AZEVEDO

ORIXÁS NA UMBANDA



São Paulo
2010

UNIVERSO DOS LIVROS

© 2010 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial
Luis Matos

Assistência Editorial
Noele Rossi
Talita Gnidarchichi

Preparação de originais
Aline Nogueira Marques

Revisão
Juliana Mendes

Arte
Fabiana Pedrozo
Stephanie Lin

Capa
Marcos Mazzei

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A994m Azevedo, Janaina.

Orixás na Umbanda / Janaina Azevedo. – São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
112 p.

ISBN 978-85-7930-096-7

1. Umbanda. 2. Religião I. Título.

CDD 299.67

AGRADECIMENTOS

Ao meu editor, Luis Matos, que tem confiado no meu trabalho e, mais do que isso, dado liberdade para eu expandir os limites das minhas palavras.

A minha mãe Emília, ao meu pai Sidnei e ao meu marido Horacio, grandes responsáveis por todas essas minhas publicações.

A todos os que me ajudaram. A todas as críticas e sugestões. A todos os sacerdotes que entraram em contato comigo e me ajudaram a ampliar meus horizontes. A continuação da série Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda é fruto do meu trabalho, mas continua por causa do apoio de cada um de vocês.

Prefácio

Há exatamente um ano, eu terminava meu primeiro livro: Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda - Volume1*. Nesse ano, aprendi muito com as reações que a coleção de três volumes conseguiu suscitar: obtive críticas, elogios e toda sorte de interação com o público. As palestras que dei me ensinaram quase tanto quanto poderia também aprender e fui percebendo, à medida que interagia com as pessoas, que ia me tornando mais próxima de uma verdade incontestável, sobre a qual quero falar um pouco neste prefácio.

Muitas vezes, quando realmente "compramos uma ideia", criamos um jeito particular de compreendê-la, e parece que toda e qualquer outra forma de expressá-la está errada, é uma mentira ou uma forma disfarçada de "heresia", como diriam alguns mais fanáticos. No âmbito das crenças místicas e das religiões, a questão não funciona de maneira muito diferente. Com o passar do tempo, acabamos desenvolvendo maneiras bem particulares e peculiares de ver o mundo e entender como ele funciona, como foi criado, por que foi criado e para quê - afinal, toda criação tem um propósito, não?

Nesse ponto, o que torna uma religião diferente da outra? A resposta é muito simples: palavras. Toda a questão tem a ver com palavras. As grandes desavenças surgem por falta de compreensão a respeito daquilo que falamos às

outras pessoas, e os grandes acertos acontecem quando conseguimos compreender-nos uns aos outros.

As palavras são tão importantes para nossa vida que, quando não podemos falar, nossa convivência se torna insustentável e sem sentido, sequer conseguimos nos relacionar com outros ou até mesmo entender o mundo à nossa volta.

Aí percebemos que as palavras são uma forma de expressar aquilo que conhecemos como mundo, realidade, existência, vida. Nossa visão e nossa versão de tudo isso estão implícitas em nossas palavras. As escolhas que fazemos geram consequências que procuramos entender por nossas palavras e passar adiante.

O que tudo isso tem a ver com Umbanda?

A resposta é muito simples: feliz ou infelizmente, um dia, a palavra de alguém construiu o que hoje conhecemos por Umbanda. Da forma como foi concebida, ela foi passada a outras pessoas como doutrina e discurso. Essas pessoas fizeram releituras do que lhes era passado e interpretaram a sua maneira, com seu pensamento e sua visão de mundo, e todos os que vieram depois delas, também.

Todas essas interpretações geraram as tantas vertentes, versões e tipos de Umbanda que conhecemos hoje. Nenhuma é melhor ou pior que a outra. Elas são apenas diferentes e, se existem, é porque suprem as necessidades das pessoas que as atendem. Ninguém fica num lugar ou preso a uma casa (ou templo) que lhe faz mal. Se aquela determinada doutrina lhe faz bem ou aquela casa lhe causa conforto, é porque ali você encontra, especialmente nas palavras, conforto para sua mente e seu espírito. A verdade de cada um é muito valiosa e nunca deve ser menosprezada.

Por isso a Umbanda é uma religião tão plural e tão diversa, capaz de sincretizar com todas as demais e de se adaptar a elas, abrindo seus braços a todos os que acreditam na paz, no amor, na caridade e no uso da mediunidade e

dos dons espirituais como forma de tornar o mundo um lugar melhor.

Para encerrar este prefácio, gostaria de incluir algumas reflexões, também, sobre uma questão muito delicada que já citei em meu primeiro livro e que, especialmente, tem muito a ver com palavras e com a maneira pela qual elas são interpretadas: as diferenças, afinidades e conflitos entre Candomblé e Umbanda.

Acredito que, mais do que a minha primeira coleção, este é o livro mais apropriado para discutir essa questão, já que boa parte dela se fundamenta na maneira como ambas as religiões veem a criação e a manutenção do mundo, a espiritualidade e a relação dos vivos com o mundo dos espíritos; mais do que isso, tem relação com a maneira de cultuar os orixás e as demais divindades.

As diferenças que suscitam tanto os conflitos quanto as afinidades se encontram nas raízes e nas origens de cada uma das crenças, nas maneiras como o culto se organiza e na forma como que ele é mantido. Por isso, no final deste livro, organizei como primeira parte dos anexos um artigo sobre esse tema intitulado "Umbanda e Candomblé: Conflitos e Afinidades".

Decidi fazer desse assunto uma de minhas pautas por dois motivos: o primeiro, baseado no fato de que, para os leigos (pessoas que se inte ressam pelas duas religiões ou somente pela Umbanda, ou que estudam alguma delas ou ambas, não existe nenhuma publicação com alguma explicação didática e consistente sobre as diferenças entre essas religiões, e no advento do meu primeiro livro, essa foi uma das perguntas que mais recebi: "Qual a diferença entre candomblé e umbanda?", ou ainda: "Num é tudo macumba? O que tem de diferente?"; o segundo motivo tange o fato de que, aparentemente, existe uma política do silêncio e da falsa boa vizinhança entre muitos frequentadores de ambas as religiões: critica-se o que não se entende, especialmente "pelas costas" do outro.

Contudo, não é minha vontade pensar que um simples artigo sanaria todas as dúvidas, acabaria com todos os problemas e dissolveria toda iniquidade - nem eu teria poderes para isso. Mas imagino que possa ser um começo, especialmente

para o diálogo entre as duas religiões. É muito fácil criticar sem entender, e mais fácil ainda disseminar preconceitos - não é incomum ouvir alguns adeptos e sacerdotes (tanto de Umbanda quanto de Candomblé) dizendo, em ofensa mútua, que a outra religião lida com demônios, espíritos pouco evoluídos, magia negra e "encostos", observações essas que acabam se espalhando e se fortalecendo pelo preconceito, pela falta de entendimento e, principalmente, por não se querer ouvir aquele a quem se ofende com essas palavras: o irmão da outra religião. Difícil é respeitar e ouvir o que o outro tem a dizer.

Espero que este livro seja de ajuda para novatos, leigos curiosos, sacerdotes e pesquisadores. E como autora e testemunha de que o melhor aprendizado vem com o diálogo, estou sempre à disposição do leitor. Qualquer tipo de comunicação pode ser enviada para janaina.azevedo@gmail.com ou por meio do site www.casadejanaina.com.

Que minha mãe abençoe a todos.

Janaina Azevedo

Fevereiro de 2010

SUMÁRIO

Introdução 11

Capítulo 1
África: berço dos Orixás 19

Capítulo 2
Orixás na Umbanda 29

Capítulo 3

Outros Orixás que podem ser cultuados na

Umbanda..... 85

Anexo
Umbanda e Candomblé: conflitos e afinidades 93

Glossário enciclopédico de termos 103

INTRODUÇÃO

Refletiu a Luz Divina,
Com todo seu esplendor.
Vem do Reino de Oxalá,
Onde há paz e amor.

Hino da Umbanda (trecho)

O hino da Umbanda, conforme citado, menciona um dos orixás do candomblé de maior proeminência no Brasil: Oxalá. Ele não só é cultuado na Umbanda, mas também sincretizado por ela com Jesus Cristo e o Senhor do Bonfim. Também se cultuam lemanjá, Oxóssi, Ogum, Oxum, lansã e Xangô. Basicamente, na Umbanda, são cultuados sete dos Orixás Africanos, número que pode ser expandido até dezesseis, de acordo com a proximidade que aquela casa estabelece com o Candomblé ou com as religiões de matriz africana.

No entanto, o leitor há de concordar que, ao se falar de orixás africanos, o assunto tornou-se um pouco genérico, pois a África não é um país pequeno ou uma província com língua, religião e comportamento únicos. Pelo contrário: a África é o maior continente do planeta e o mais diverso no que concerne a religiões, culturas, línguas, comportamentos e outros tantos aspectos.

Por isso, ao se falar dos Orixás africanos, deve-se, em primeiro lugar, especificar o que são e qual sua função religiosa, tanto na Umbanda quanto nos cultos religiosos nos quais tiveram origem.

A Umbanda, por primazia, é uma religião sincrética que assimilou valores, personagens, divindades e conceitos do espiritismo kardecista, do catolicismo popular e de algumas religiões africanas, sem contar a influência de outras religiões menores e de cultos de diversas origens. Nenhum deus foi criado histórica, metafísica ou espiritualmente com o advento da Umbanda. O que já existia foi renovado e sintetizado para desenvolver uma nova religião.

Assim, a intenção primeira deste livro, dedicado exclusivamente aos Orixás, é esclarecer as origens histórica, metafísica e espiritual deles e sua incorporação à Umbanda.

Para isso, é muito importante entender de qual Umbanda se está falando. Nos meus outros livros, sempre fiz questão de frisar algo muito importante, e dessa vez não será diferente: a Umbanda não é uma religião única, com livro sagrado ou com doutrinas que devam ser fielmente seguidas por todos, sejam eles provenientes de revelações divinas ou não.

O importante, neste momento, nesta introdução, é entender como a Umbanda existe enquanto religião. Por isso, tomei a liberdade de citar algo que escrevi tempos atrás, em meu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso em Ciência das Religiões', e que coloquei integralmente em meu primeiro livro - uma explicação sintetizada sobre todos esses assuntos, na qual citarei apenas os trechos mais importantes:

> Falar de Umbanda, nos dias de hoje, é mais que realizar um mero estudo teológico sobre as manifestações ritualísticas de seus cultos, nas suas mais diferentes vertentes, pois para esboçar um quadro histórico, ritualístico e social das tradições e manifestações da Umbanda no Brasil hoje, é necessário delimitarmos, em primeiro lugar, o que é a Umbanda.
>
> Só que delimitar um conceito não é algo tão fácil, em especial quando falamos de religião - e justamente nesta palavra é que nos deparamos com as primeiras indagações: a Umbanda é uma religião ou uma seita religiosa? Quais são a filosofia e os fundamentos essenciais? Como ela

surgiu?

Para começar a esboçar estas respostas, temos que entender quais os conceitos de religião e seita, tanto no âmbito social quanto no individual.

Vamos falar, primeiramente, de religião: do latim temos religio que significa "prestar culto a uma divindade", "ligar novamente", ou simplesmente "religar", isto é, estabelecer ou restabelecer uma ligação, um contato intrínseco entre o Criador e cada indivíduo, pelos mais diversos meios de prática e estudo religioso. Ao falarmos de religião, estamos nos referindo a um conjunto de crenças relacionadas com aquilo que a humanidade considera como sobrenatural, divino, sagrado e transcen dental, bem como o conjunto de rituais e códigos morais que derivam dessas crenças.

Quando falamos de seita, entretanto, nos referimos a um conceito sociológico que é usado para designar simplesmente qualquer doutrina, ideologia ou sistema que divirja da correspondente doutrina ou do sistema dominante, termos estes que também podem servir para designar o próprio conjunto de pessoas (o grupo organizado que passa a fazer parte de tal doutrina, ideologia ou sistema), apresentando qualquer relevância ou representação significativa social. Na prática, o termo é utilizado na maioria das vezes para designar relações religiosas, com o que por "seita" entende-se imediatamente "seita religiosa". Justamente este vínculo - errôneo por vezes, pois nem toda seita está no domínio religioso - foi o que gerou uma carga de significado negativo para o termo. O conceito essencial de seita para o estudo das religiões conecta-se diretamente com o de heresia, já que este significa o conjunto de ideias que, em princípio e face às consideradas dominantes, destas divergem e devem, portanto, ser rejeitadas. A questão da rejeição é, naturalmente, tão pura e simplesmente, apenas imposição do poder da estrutura ideológica que está no domínio. A Umbanda foi, por muito tempo, dita seita justamente por isso: por diferir e ser influenciada pelo Catolicismo, então vertente religiosa dominante e potente.

Assim, estabelecidos estes conceitos, podemos dizer que a Umbanda é, por primazia, uma religião em todos os seus aspectos, e também uma seita, não de maneira pejorativa, mas no sentido primeiro da palavra, com seus tantos seguidores fiéis quer à religião, quer a toda prática religiosa que ela congrega.

Essa prática religiosa tem fundamentos doutrinários bem distintos, embora uma grande parte dos rituais possa variar de Templo para Templo, de Casa para Casa, alguns preceitos são fundamentais e encontrados na maioria dos lugares, o que faz que possamos generalizar, com certa ressalva e cuidado, para todas as formas de Umbanda.

Assim, como um primeiro ponto, podemos falar sobre a existência de uma fonte criadora universal, um Deus supremo, chamado Olorum (proveniente dos mitos Iorubanos), Oxalá (sincretizado com Jesus Cristo e com o Deus Católico) ou Zambi (proveniente dos mitos oriundos principalmente das nações de culto "bantu", como a nação Angola); em segundo lugar, cultuam-se os Orixás como manifestações divinas (em um patamar semelhante ao dos anjos do catolicismo, mas mantendo o posto de divindade, e diferenciando-se destes por ter livre-arbítrio e poder de interferência no plano material), em que cada Orixá controla e se confunde com um elemento da natureza do planeta ou da própria personalidade humana, em suas necessidades e construções de vida e sobrevivência; ainda, é preciso falar das entidades espirituais, os guias, que se manifestam para exercer o trabalho espiritual incorporados em seus médiuns: em geral, essas entidades são espíritos ancestrais, encantados ou ainda, espíritos desencarnados que, sob supervisão dos orixás e de outros espíritos em diferentes graus de evolução, incorporam os médiuns para, dotados de plenas capacidades do plano físico, aconselhar e trabalhar em prol dos encarnados.

Este último item, na verdade, é a maior manifestação da crença de que a mediunidade é o mais pleno veículo de comunicação entre os planos físico e espiritual, um contato que busca a evolução, uma das mais

importantes bases da Umbanda Tradicional que perdura até os dias de hoje. Ao lado deste preceito, tal qual no catolicismo, a Umbanda prega a imortalidade da alma, mas diferencia-se dele no sentido de acreditar na reencarnação e nas leis do retorno ou cármicas, pelas quais toda ação que praticamos terá uma consequência a ser "paga", seja no plano material ou no espiritual.

Junto a estes, existem outros fundamentos tão importantes quanto, por exemplo, a obediência a ensinamentos básicos dos valores humanos, como fraternidade, caridade e respeito ao próximo. Para o umbandista praticante a caridade é uma máxima encontrada em todas as manifestações existentes, além de que, ele só segue uma doutrina, uma regra, uma conduta moral e espiritual, em geral modelada de maneira diferenciada em cada casa, mas que existe para nortear os trabalhos de cada terreiro.

Ultrapassada essa fase de entender os conceitos e conhecer os fundamentos, é necessário que falemos das origens da religião. Sabemos que a Umbanda, embora possuidora de um padrão ritualístico próprio e distanciado de qualquer outro, formou-se devido à junção de pelo menos quatro religiões: os diferentes cultos africanos trazidos pelos escravos negros provenientes d'África; o catolicismo, base religiosa de todo o processo de colonização brasileiro; as religiões de diferentes povos indígenas do próprio território e, mais recentemente, ao instituir-se, no século XX, o espiritismo de Allan Kardec, principalmente.

Mesmo delimitando essas quatro raízes, há outras ainda bastante difusas, e mesmo para estas, atribuem-se diferentes nomes e parâmetros: podemos encontrar influências indígenas mais presentes na dita Umbanda de Caboclo; já as africanas ficam mais evidentes no chamado Umbandomblé e na Umbanda Traçada, além de outras mais recentes, fruto principalmente de junções com o esoterismo, religiões pagãs de origem europeia e outras vertentes de cunho esotérico, que acabaram conhecidas como Umbanda Esotérica, Umbanda Iniciática, entre outras.

> Existe também a Umbanda Popular ou de Tradição, em que encontraremos um toque de cada veio ancestral.
>
> Por isso é que não existe uma única história que conte, de maneira uniforme, a história de todos os caminhos e manifestações da Umbanda. Cada vertente tem as suas origens e história, entretanto, por convenção, desde a década de 1970, aceitou-se que Zélio Fernandino de Moraes teria sido o anunciador da Umbanda por meio do Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1908, criando moldes e parâmetros, firmando fundamentos, bases e dogmas que possibilitaram sua institucionalização enquanto religião. Mas esse marco não é, de forma alguma, o início dos trabalhos dos guias, tais como pretos velhos, caboclos, crianças, exus, entre outros, que já se manifestavam anteriormente, mas sem qualquer vínculo a uma instituição religiosa concreta, respeitando apenas os valores da mística ancestral.
>
> [...] é necessário dizer algo muito importante: os conceitos aqui relatados podem diferir daqueles que são parâmetro e dogma em muitos templos, por se tratar de uma visão ge neralista histórica, e não detalhada, mas panorâmica do culto em questão. Mais que uma religião, podemos dizer que a Umbanda é um conjunto de templos com diferenciadas práticas religiosas, possuidores de várias ramificações. As informações aqui expostas buscam esclarecer da forma mais abrangente possível sem discriminação ou preconceitos, pois, embora tenhamos escolhido lidar com aquela que está mais diretamente ligada à raiz histórica da criação do culto, isto é, a Umbanda de Tradição, todas as "Umbandas" têm suas razões de existir e de serem cultuadas: nenhum ser humano, especialmente no que concerne aos deuses, é detentor de qualquer verdade universal. A verdade que nos liga ao transcendente é única e verdadeira apenas dentro de nossas almas.

Por isso, essa postura de respeito e desmistificação que assumi desde meu primeiro livro é a que procuro manter até hoje. Não será diferente neste trabalho.

Em primeiro lugar, as considerações iniciais falarão sobre a origem dos Orixás cultuados na Umbanda, sobre suas origens na África (e da realidade desses cultos no continente, especialmente, relacionando o culto a sua região geográfica correta), como seu culto chegou à Umbanda e ao Brasil e por que foram escolhidos em específico os orixás do panteão Iorubano na Umbanda, e não, por exemplo, do panteão dividido entre as diversas nações jejê, anagô, bantu ou fon.

Algumas observações se fazem necessárias: as fontes utilizadas não serão, de maneira alguma, relatos de sacerdotes ou de grupos religiosos, pois o compromisso aqui é não beneficiar qualquer vertente da Umbanda: as fontes são estudos antropológicos, sociológicos, histórico-religiosos, entre outros, de procedência confiável e que podem ser comprovadas segundo o método científico.

Assim, antes de continuar discorrendo sobre a estrutura do livro, quero deixar aqui um esclarecimento: mais do que uma escolha acadêmica, por seguir de maneira científica meus livros acerca da Umbanda, esta é uma escolha pessoal, baseada na minha convicção de que a religião é comprovada pela ciência e o esclarecimento traz certeza e de maneira alguma enfraquece a fé - pelo contrário, só a fortalece, já que o entendimento nos aproxima da divindade e nos eleva espiritualmente.

Continuando com a estrutura do livro, a seguir, serão abordados os sete orixás mais cultuados na Umbanda, em especial na Umbanda tradicional, explorando possíveis motivos para isso.

A seguir, expandir-se-á um pouco esse universo, falando-se dos Orixás que são cultuados na Umbanda de Nação, na Umbanda Popular nas Casas Mistas, ou de Umbandomblé.

Por último, falaremos de Yori e Yorimá, o Orixá Ancestral e sua raiz nos cultos africanos.

Para finalizar, uma série de figuras mostra o assentamento de alguns orixás e

como devem ser dispostos pelo templo para garantir uma energização equilibrada e segura.

No Anexo, o primeiro artigo falará sobre as afinidades e os conflitos entre Candomblé e Umbanda, já que ambos cultuam os mesmos deuses, de maneira paralela. O segundo falo com mais especificidade de todo panteão Iorubano que deu origem aos Orixás conforme os conhecemos na Umbanda, explorando os conceitos da Criação do mundo e as relações entre esses deuses e os mais desconhecidos. Outro artigo, falará, ainda, sobre a condição de Exu na Umbanda, tanto como orixá quanto como espírito que obedece, como mensageiro, ao "Povo de Rua", e suas funções na Umbanda.

Capítulo 1

África: berço dos Orixás

Agô-iê, Agô-iê, Agô.
Mutumbá, Mutumbá.
Pai-Maior, Onibabá, Agô-iê.
Trazidos por navios negreiros
Do solo africano para o torrão brasileiro
Os negros escravos,
Que entre gemidos e lamentos de dor,
Traziam em seus corações sofridos
Seus Orixás de fé
Hoje tão venerados no Brasil
Nos rituais de Umbanda e Candomblé.
Tributo aos Orixás, Clara Nunes

Como já dissemos, a Umbanda é uma religião sincrética, com origem ao menos em quatro vertentes religiosas. Por que, para ser mais específico, deve-se falar em vertentes religiosas e não em religiões? Bem, porque o kardecismo é uma das vertentes religiosas do espiritismo ou espiritualismo,' bem como as influências cristãs que permearam a Umbanda vieram do que se conhece por catolicismo popular2, e não dos preceitos e dogmas da igreja católica apostólica romana, nem mesmo da Ortodoxa. Isso não é diferente para as influências que vieram dos cultos indígenas,3 tampouco dos africanos.

Como este livro trata especificamente dos Orixás na Umbanda, firmarse-á nesse assunto. Em primeiro lugar falará de sua origem geográfica: a África, ou melhor, o Continente Africano. Mas não dá na mesma falar as duas coisas? África ou continente africano? Em termos de palavra, sim, é possível. Em termos de ideia, não. E é simples imaginar o porquê, quando se vê o mapa a seguir:

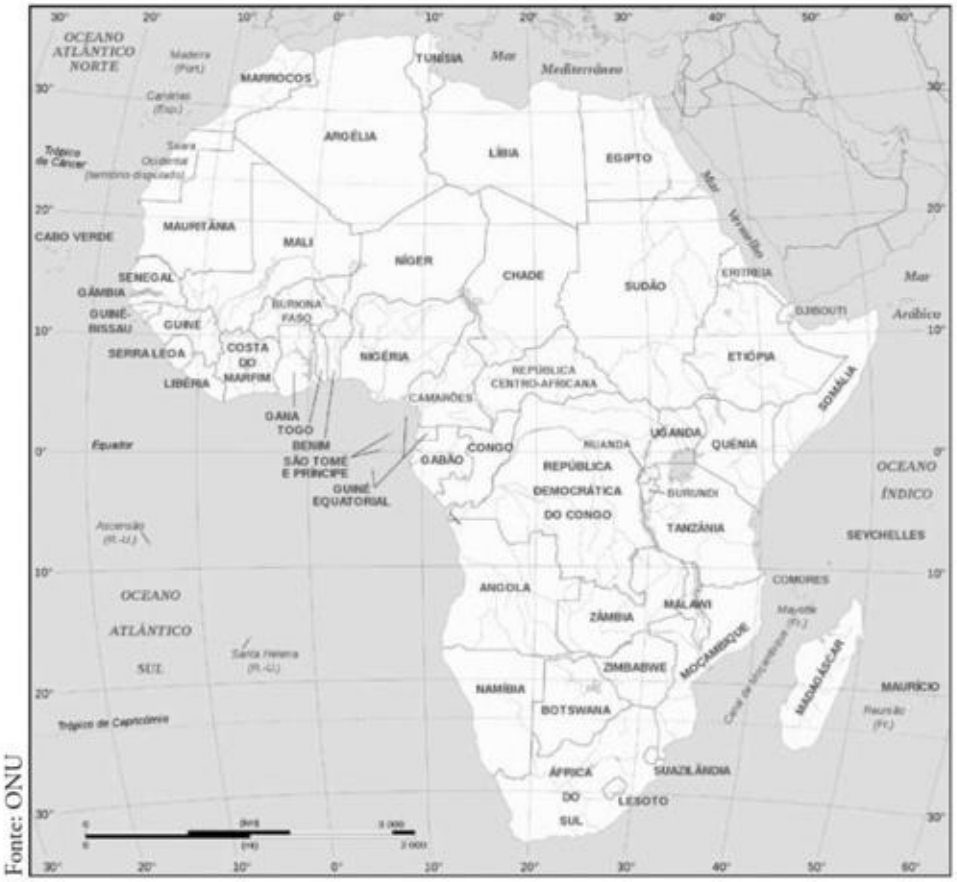


Figura 1.1 - Mapa africano.

Esta é a África, o terceiro maior continente do mundo (depois da Ásia e da América) ou o segundo maior em extensão única, considerando que a América tem interrupções e é geograficamente dividida em três regiões - América do Norte, América Central e América do Sul. Este gigante de terra e riquezas de todos os tipos é banhado pelos oceanos Atlântico e Índico. São 30 milhões de quilômetros quadrados - o que representa mais de 20% da área total de terra firme do planeta. A região costuma ser regionalizada de duas formas: a primeira valoriza a localização dos países e divide-os em cinco grupos, a África setentrional, a África ocidental, a África central, a África oriental e a África meridional. A segunda regionalização desse continente, que vem sendo muito utilizada, usa critérios étnicos e culturais (religião e etnias predominantes em cada região) e divide-a em dois grandes grupos, a África Branca ou setentrio nal, formada pelos oito países da África do norte, mais a Mauritânia e o Saara

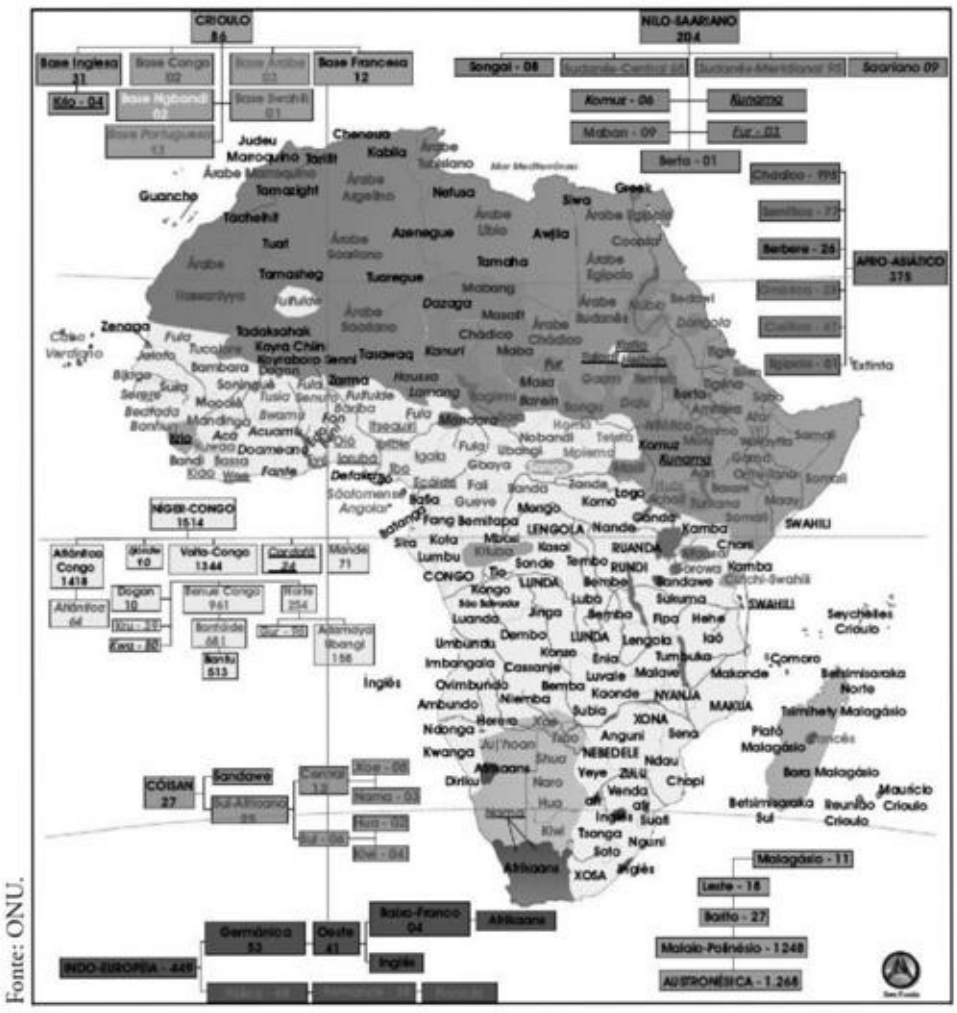
Ocidental, e a África Negra ou subsaariana, formada pelos outros 44 países do continente.

É o segundo continente mais populoso da Terra, onde vivem cerca de 900 milhões de pessoas, aproximadamente um sétimo da população do mundo, com 53 países independentes. Existem inúmeras línguas no continente, mais de 2 mil línguas oriundas do próprio continente, além dos idiomas introduzidos pelos colonizadores, utilizados até hoje.

Não é por acaso que o homem africano cresce em estado de bilinguismo ou trilinguismo. Em geral, ele fala a língua oficial ou língua administrativa, política, de comunicação em abrangência global. Normalmente, uma herança do período de colonização, em que as línguas europeias foram impostas dentro do processo de transculturação, em especial linguística, e desvalorização do nacional. Um exemplo disso é Moçambique, cuja língua oficial é o português, mas que conta com outras tantas línguas africanas em seu território, como macua, changana, ronga e maconde.

Também é necessário falar a língua da nação, isto é, aquela que, dentre muitas das autóctones que podem existir em um país, é eleita pra a gramaticalização e, consequentemente, o ensino nas escolas. Para tal escolha levam-se em conta fatores tais como: abrangência geográfica, importância política, número de falantes, relação sociolinguística com as demais línguas africanas etc. Como exemplo, há a Costa do Marfim, que comporta em seu território quatro grupos linguísticos: cuá, que tem como língua nacional o baulê; mandê, representado pela língua nacional diúla; o gur, representado pelo senufo; e kru, cuja língua nacional é o betê. Por último, o africano deve dominar, também, a língua veicular, utilizada informalmente e nas situações cotidianas por todas as pessoas, independentemente do seu grau de instrução. É a língua utilizada no comércio popular, por exemplo, em que há, por vezes, comerciantes de todas as partes do país.

Figura 1.2 - Mapa linguístico africano.



Em correspondência com os diferentes ramos etnolinguísticos, encontram-se na África três religiões principais:

•islamismo: que se manifesta sobretudo na chamada África Branca (ou Magreb, países acima do deserto do Saara), mas é também professado por numerosos povos negros abaixo do deserto;

•cristianismo: religião levada por missionários e professada em pontos esparsos do continente;

•animismo: como denominam os antropólogos as principais religiões tradicionais e cultos aos deuses africanos, estes sim, seguidos em toda a África Negra. Esta última corrente religiosa, na verdade, abrange grande

número de seitas politeístas e religiões que deram origem ao Candomblé e à Umbanda, que possuem em comum a crença na força e na influência dos elementos da natureza e dos deuses sobre o destino dos homens.

Isso já basta para imaginar que a diversidade do continente é gigantesca: Se o Brasil, que não chega a ter metade dessas condições geográficas e populacionais, já apresenta, às vezes, entre estados próximos como Alagoas e Sergipe, grandes variações religiosas e culturais que fazem quase parecer que se trata de países diferentes, imagine-se num lugar como o continente africano.

Tudo isso foi exposto para se perceber que os Orixás cultuados no Brasil não o são em toda a África. Eles estão associados aos negros africanos que vieram de uma área particular do continente, o antigo Daomé e Niger, hoje Benin e Nigéria.

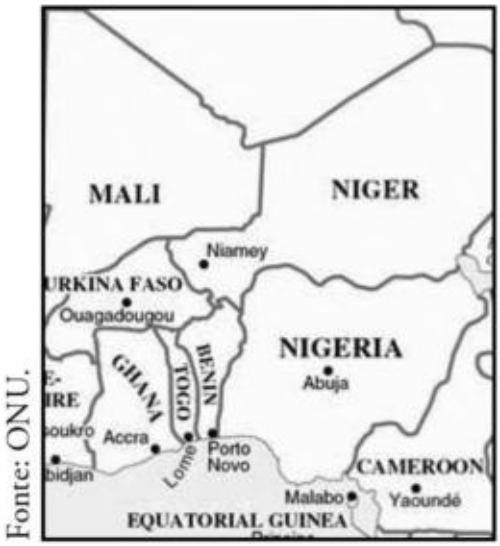


Figura 1.3 - Mapa da região em que são cultuados os Orixás conforme são conhecidos na Umbanda.

Os nomes dos Orixás e sua representação estão ligados à língua lorubá, falada nestas regiões. Tudo porque, historicamente, esse era o lugar onde se comercializava, com frequência, escravos para as Américas, especialmente entre os séculos XVI e XIX. Estima-se que cerca de 85% dos negros trazidos como escravos para o Brasil vieram dessa região. No entanto, isso não impedia os

mercadores de escravos de fazer aquisições em regiões periféricas a esta ou mesmo mais para dentro do continente. Assim, foram trazidos para o Brasil negros Fon, que deram origem à nação de Candomblé Efon; negros Ewé, que deram origem à nação Jejê; negros Anagôs, que deram origem ao Nagô; negros Fanti e Ashanti que deram origem ao Jejê Mahin e a outros ramos do Candomblé; negros Mandinká, chamados de "mandingueiros", dado o hábito de tecer amuletos que, malcompreendidos, eram percebidos apenas como feitiçaria; entre outros. Mais tarde, a partir do século XVIII, começaram a ser trazidos de uma região mais ao sul da África, do país que hoje conhecemos como Angola e suas adjacências, africanos provenientes de etnias como Quimbundu, Umbundo, Cabinda, e outros. Assim foram conhecidas nações como Angola, Quimbanda (também bastante incompreendida e, por isso, muitas vezes, vista como magia negra), Bate-Folha e Omolocô.



Figura 1.4 - Mapa da região em que são cultuados os nkices, isto é, divindades bantu.

Dentre todas essas nações e vertentes religiosas dos cultos de matriz africana citadas, as únicas que cultuam Oxalá, lemanjá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Oxum e lansã, por esses nomes, são os Iorubanos.

Os negros Fon, Ewé, Fanti e Ashanti, que deram origem ao Efon, Jejê e Jejê Mahin cultuam Voduns, isto é, espíritos da natureza. Alguns deles podem ser sincretizados com os Orixás cultuados na Umbanda, assim:

• Mawu é Zambi ou Olorum;

• Lissá ou Olissassá são Oxalá;

• Loko ou Legbá são Exu;

• Gu é Ogum;

• Heviossô é Xangô;

• Sakpatá é Omolu;

•Bessen, Dan ou Dangbé são Oxumarê;

•Agué é Oxóssi ou Ossaim, dependendo do caso;

• Agbê ou Tobossi são lemanjá;

• Aziri é Oxum;

• Naê ou Sogbô são lansã;

•Nanã, é o vodun considerado a grande Mãe Universal.

Já os negros de origem bantu que deram origem aos cultos de Angola, Quimbanda, Bate-Folha e Omolocô cultuam inkices, isto é, espíritos ancestrais, vinculados aos homens e à terra. Também podem ser sincretizados com os Orixás iorubanos. Veja:

•Aluvaiá, Bombo Njila, Pambu Njila ou Nzila são Exu. Na sua manifestação feminina, é chamada de Vangira por algumas casas; muitas não aceitam o uso desse nome, que na Umbanda é Pombajira;

•Nkosi ou Roxi Mukumbe são Ogum;

•Gongobila, Mutalambô, Ngunzu ou Kabila são Oxóssi. O nome varia de acordo com o tipo de caça, pois cada nome representa um tipo diferente de caçador;

• Katendê é Ossaim;

• Nzazi ou Loango são Xangô;

•Kaviungo ou Kavungo, Kafungê ou Kafunjê, Kingongo ou Kafundeji são Omolu. Já Nsumbu é o Senhor da terra. Chamado de Ntoto ou Atotô pelo povo de Congo, também representa Omolu;

•Hongolo ou Angorô (masculino) e Angoroméa/Nzinga Lumbondo (feminino) são Oxumarê;

• Kaiango, Matamba, Bamburucema ou Nunvurucemavula são lansã;

• Kisimbi ou Samba são Oxum;

•Ndanda Lunda, Kaitumba, Mikaia ou Kokueto são lemanjá;

• Nzumbarandá é Nanã;

• Nvunji é Ibeji ou Erê;

•Lembá Dilê, Lembarenganga, Jakatamba, Nkasuté Lembá ou Gangaiobanda são Oxalá;

•O Deus supremo e criador é Nzambi ou Nzambi Mpungu; abaixo dele estão os Jinkisi/Minkisi, divindades da mitologia banto. Essas divindades se assemelham a Olorun e Orixás, da mitologia yoruba, e Olorum e Orixá do Candomblé Ketu.

Saber todas essas particularidades e origens dos Orixás, bem como as

similaridades entre a Umbanda e o Candomblé, nesses aspectos, é essencial ao sacerdote, já que não é raro o contato entre o Candomblé e a Umbanda e tampouco é difícil encontrar filhos de Umbanda feitos no Candomblé e frequentadores de Candomblé que recebem seus espíritos e guias na Umbanda. Mais do que isso, na necessidade de pesquisar mais para um determinado rito ou para qualquer outro tipo de finalidade, essas informações aumentam a possibilidade de se conseguir aprender mais, além de expandir a visão sobre os demais aspectos da religião, sem preconceitos ou receios.

Capítulo 2

Orixás na Umbanda

Agora que já se sabe suas origens, falar-se-á mais especificamente sobre os Orixás na Umbanda. A Umbanda trabalha, prioritariamente, com sete Orixás, relacionados com suas sete linhas: Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Iemanjá e Oxum, e Iansã.

Oxalá rege a linha de mesmo nome, assim como Ogum, Oxóssi e Xangô. Iemanjá e Oxum regem a linha das Águas e Iansã rege a linha das Almas. Além disso, temos a linha de Yori e Yorimá, que se destaca das demais, pois é proveniente do culto ao Orixá Ancestral' que rege a coroa, ou a cabeça (Ori, para os Iorubanos).

Mas por que acabaram permanecendo no culto apenas esses sete Orixás, dentre os mais de duzentos existentes nos Candomblés e religiões africanas de raiz iorubana? Embora essa discussão seja muito interessante, ela não é muito pertinente a esta parte do livro, motivo pelo qual ela será retomada no Anexo, no artigo "Os Orixás do Candomblé de Raiz Iorubana: a criação do mundo e o panteão do Daomé". Mas é possível adiantar que essa escolha se deu porque esses Orixás são fruto de um terceiro panteão Iorubano, de deuses que estão mais próximos à Terra e aos homens que, em tempos ancestrais imemoriais, estabeleceram relações muito firmes entre o mundo físico (Ayé, a Terra, para os iorubanos) e o mundo espiritual (Orún, o Céu). Justamente por essa proximidade é que eles acabaram também abraçando os espíritos em suas missões, fornecendo-lhes energia para que, mesmo desencarnados, estabelecessem, por meio da mediunidade de alguns encarnados, contato com o plano físico, para cumprir suas missões e ajudar os médiuns a cumprir a própria, disseminando a caridade.

Serão abordados agora os Orixás propriamente ditos. A seguir, descrever-se-á cada um dos sete Orixás com os quais a Umbanda tradicional trabalha. Primeiro

serão contadas suas lendas, em forma de poema, conforme reza a tradição oral africana de onde eles vieram. Serão descritas detalhadamente suas características e as de suas festas, bem como comidas e bebidas, além de pontos riscados e cantados de cada um. Para finalizar, abordar-se-ão rituais, encantamentos e trabalhos envolvendo os mais diversos aspectos de cada orixá.

OXALÁ

Oxalá, o Senhor do Branco, Pai de Todos Nós
Epa Babá Oxalá! Salve Oxalá!
Salve o Senhor do Bonfim!

OXALÁ NA UMBANDA

A Umbanda sincretiza Oxalá com o Senhor do Bonfim ou Jesus Cristo. Ele é a própria representação da Trindade Divina: Pai, Filho e Espírito. Ele é o Orixá criador, aquele que criou o mundo, a natureza e os homens.

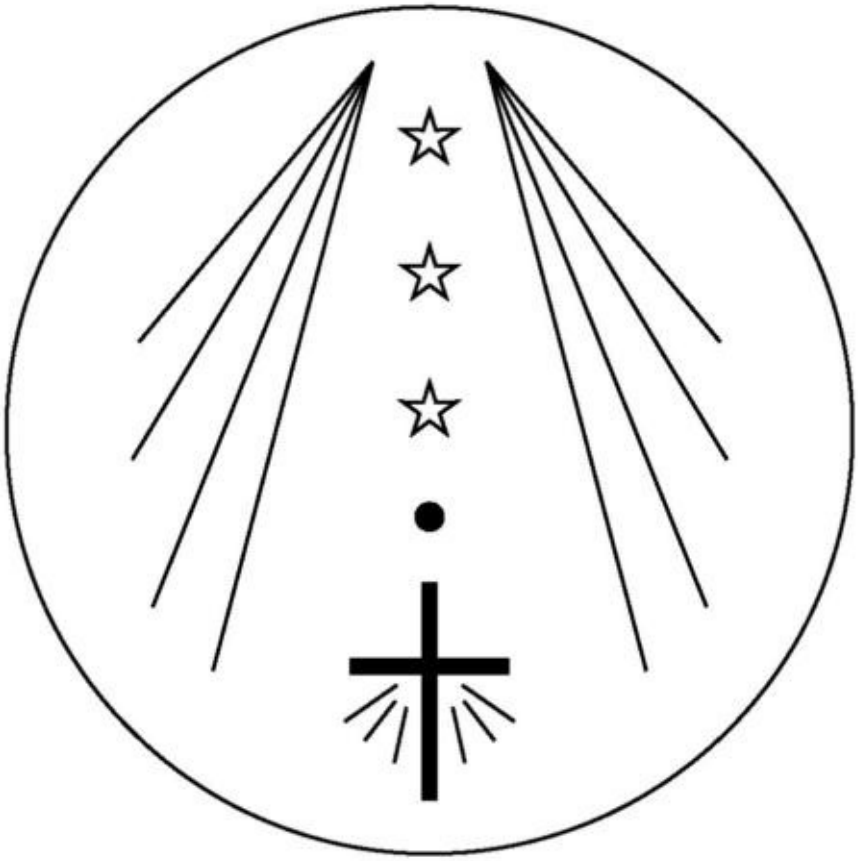


Figura 2.1 - Ponto riscado de Oxalá - básico.

Ele representa tudo quanto é bom e justo e tudo quanto é puro e ordeiro. Ele é a concepção do bem - diferentemente de sua concepção no panteão Iorubano, em que ele é o equilíbrio, inclusive entre o bem e o mal, pois um não existe sem o outro.

Ele habita e visita os lugares mais tranquilos, onde a calma e a quietude inundam os seres que por ali passam, como uma praia deserta ou uma colina descampada.

Quando invocado na Umbanda, Oxalá emite vibrações que estão relacionadas aos mais elevados poderes espirituais. Justamente por isso ele é invocado praticamente para qualquer tipo de assunto, demanda ou necessidade. Ele é a instância mais elevada dentre os Orixás, mas, especialmente, ele dá ao homem paz de espírito, paz no lar. Ele é o Pai e, portanto, protege a família e os amigos.

Como ele é o orixá que criou o homem e tudo o que há, em caso de saúde, pode-se pedir ou consagrar a ele quase todas as partes do corpo, mas em especial a cabeça, e com mais ênfase a coroa, regidas por Oxalá. Ele é o senhor da nossa existência e do espírito que habita em nosso corpo.

Durante a semana, dedica-se a ele a sexta-feira e o domingo, e no que concerne a fases da lua, qualquer delas pode ser utilizada para recorrer a ele.2

Para executar rituais e encantamentos relacionados a Oxalá, os melhores horários para começar são ao nascer do dia, por volta das 6 horas da manhã, ou ao cair da noite, por volta das 6 horas da tarde.

Ofertam-se a Oxalá flores brancas, em especial lírios e copos-de-leite. Para perfumar o ambiente, usa-se essência de flor-de-laranjeira e de líriobranco. Suas pedras preciosas geralmente são brancas, leitosas, exceto pelo cristal branco - símbolo da pureza natural - e do diamante, a substância mais dura do planeta.

Oxalá, na Umbanda, veste branco e dourado, pois ele é o rei de toda riqueza. Também tem como metal precioso e a ele dedicado o ouro, daí todos os seus utensílios serem feitos de ouro ou dourados, como a sineta que é usada em seus ritos mais sagrados. Não raro é que, dada a imagem sincretizada com Cristo Rei, ele seja visto, além disso, com o manto vermelho de pau-brasil, típico dos reis.



Figura 2.2 - Imagem de Cristo Rei, com o manto vermelho da realeza. Divindade e majestade do pai de todos os Orixás e pai dos homens.

Para fazer uma guia simples de Oxalá, basta unir, numa linha branca (cordão resistente ou de náilon), 108 contas brancas leitosas, fechadas com uma firma branca leitosa - caso seja para um homem, a firma deve ser alongada; para uma mulher, deve ser circular e arredondada.3

Sincretizado com Jesus Menino, sua grande comemoração é o Natal. Sincretizado com Jesus adulto, sua festa é em honra do Senhor do Bonfim, na sexta-feira da Paixão.

Oxalá é o grande sacerdote que ensinou aos homens a Verdade do mundo e da Criação. Foi ele, pai carinhoso, quem deu ao homem livre-arbítrio e a proteção dos guias e Orixás.

A Umbanda tem um carinho todo especial por Oxalá, pois este, quando viu que sua criação se desvirtuava e se perdia, afastando-se da natureza e dos Orixás,

vestiu-se de homem e veio à Terra nos salvar. Ele é o único orixá que já andou pela Terra como homem, e se chamou Jesus. A Umbanda assim o cultua e o faz Pai de todos porque ele assim o é.

ERVAS DE OXALÁ

- boldo;
- marcela;
- colônia;
- gerânio;
- jasmim;
- levante;
- manjericão;
- parreira;
- pata-de-vaca;
- poejo.

Grande parte dessas ervas servem tanto para banhos quanto para chás e, em geral, são as únicas que podem ser usadas na cabeça e derramadas sobre a coroa. Oxalá possui tudo quanto é puro e equilibrado; portanto, suas ervas, quando usadas para infusões, acabam proporcionando esses efeitos. Em geral, os banhos de Oxalá são feitos com água fria, a erva nunca é fervida e sempre é quinada - isto é, macerada, moída e espremida na água para soltar todo o seu sumo.

FRUTAS DE OXALÁ

- polpa de coco;

• pêssego branco;

• nozes;

• castanhas e amêndoas;

• melão branco (partilha com Oxum);

• uvas.

A CRIAÇÃO DO MUNDO POR OXALÁ

Oxalá foi quem criou o mundo.
O mundo, no entanto, vivia cheio de água,
Sem ter onde pisar para andar
Ou onde desenvolver nada que não fosse
Os peixes de Iemanjá, sua esposa.

Assim, Oxalá desceu ao mundo
Com um pombo branco
E uma grande concha
Em que precipitou um sopro de vida.

O pombo, seu animal,
Começou a ciscar e espalhou terra
Terra por todo lado.

No começo, esta terra pairou sobre as águas.
Formou-se então o lodo ralo,
E então engrossando, logo,
Lama grossa ela foi se juntando,
Se juntando e se juntando.

Não demorou muito e havia terra firme
Dando firmeza ao mundo de Oxalá
Para que os primeiros animais fossem criados.

Da lama onde fermentou a vida,
Que Nanã, sua segunda esposa soprou,
Oxalá criou o homem
A quem amou como seus filhos
E lhes deu sabedoria e inteligência.

Mas Oxalá, em toda a sua sabedoria,
Criou o princípio, o meio e o fim,
E o fim seria Icu, a Morte,
Que faria com que o homem
Retornasse para junto dele e de seus outros filhos
Os Orixás.

Esta é a principal lenda de Oxalá. Para entender melhor sua relação com os demais Orixás, basta saber que ele teve duas esposas. A primeira foi Nanã, que partiu para cuidar dos portões da Morte e receber os homens que lansã levava para o outro mundo. Com ela, teve como filhos Iansã (senhora do vento e das tempestades) e Omolu (senhor das doenças e pes tilências), que habita a Kalunga Grande. No entanto, Nanã abandonou este último, pois achou que ele morreria, já que nasceu coberto de chagas e pústulas, assim, quem o criou, na verdade, foi lemanjá.

COMIDAS E BEBIDAS DE OXALÁ

Oxalá é o Senhor do Branco, por isso, todas as suas comidas são brancas.

Oxalá não bebe qualquer bebida de álcool e abomina o sangue. Por isso, ambos devem ser usados com muito comedimento em sua presença. Ele sabe que os demais Orixás deles se valem, mas é Oxalá quem impõe limites. Oxalá bebe muita água-de-coco e muita água-de-arroz. Come ibi (caramujo branco), ebô (canjica doce branca) e acaçá.

Acaçá

Meio litro de leite
Meio litro de leite de coco
200g de farinha de arroz

Leve ao fogo uma panela com a metade do leite e o leite de coco. Coloque a farinha de arroz em uma tigela e junte a metade do leite; misture bem para dissolver a farinha. Assim que os leites ferverem, passe a papa de farinha por uma peneira e junte à panela; mexa bem até engrossar. Para oferecer a Oxalá, coloque em tiras de folhas de bananeira de aproximadamente 10cm x 25cm e dobre para formar quadradinhos. Sirva frio para o Orixá.

Ebô de Oxalá (canjica)

500g de canjica branca
Um cacho de uva itália (uva branca)
azeite de oliva

Cozinhe a canjica e coloque numa tigela branca. Tempere com oliva, mel e um pouco de açúcar; enfeite com o cacho de uva e cubra tudo com algodão branco.

PONTOS CANTADOS DE OXALÁ

Oxalá meu pai
Tem pena de nós, tem dó
Se as voltas no mundo é grande
Seus poderes são maior
Oxalá meu pai
Tem pena de nós, tem dó
Se as voltas no mundo é grande
Seus poderes são maior
O malei malei
O malei malá
O malei malei
Salve as forças de Oxalá

A Umbanda é o caminho
Celestial divino
É nosso Pai Ogum
Saravá Umbanda
Saravá Jesus
Salve o Nazareno
Que por nós morreu na cruz

Estrela do Oriente
Que guiou os três reis Magos
Para os campos de Jerusalém
Aonde Jesus nasceu
Guiou com muito amor e luz
O povo de Umbanda
Os filhos de Jesus
Epa Orixala
Auê Porixalá
Ilumina meu espírito
Para a estrela me guiar

O GUM

Ogum, o Senhor do Ferro e das Estradas
O Guerreiro Vencedor das Demandas
Patacori, ô! Ogunhê! Guarumiquara, Ogum

OGUM NA UMBANDA

Ogum foi o Orixá que deu aos homens o segredo do ferro, da forja e da agricultura. Mas por seu temperamento explosivo, sempre esteve envolvido em guerras e batalhas, por vezes, até com quem mais amava, nem sempre respeitando as mulheres como devia; por muitos de seus atos impensados, foi obrigado a vagar pelas estradas sem fim.

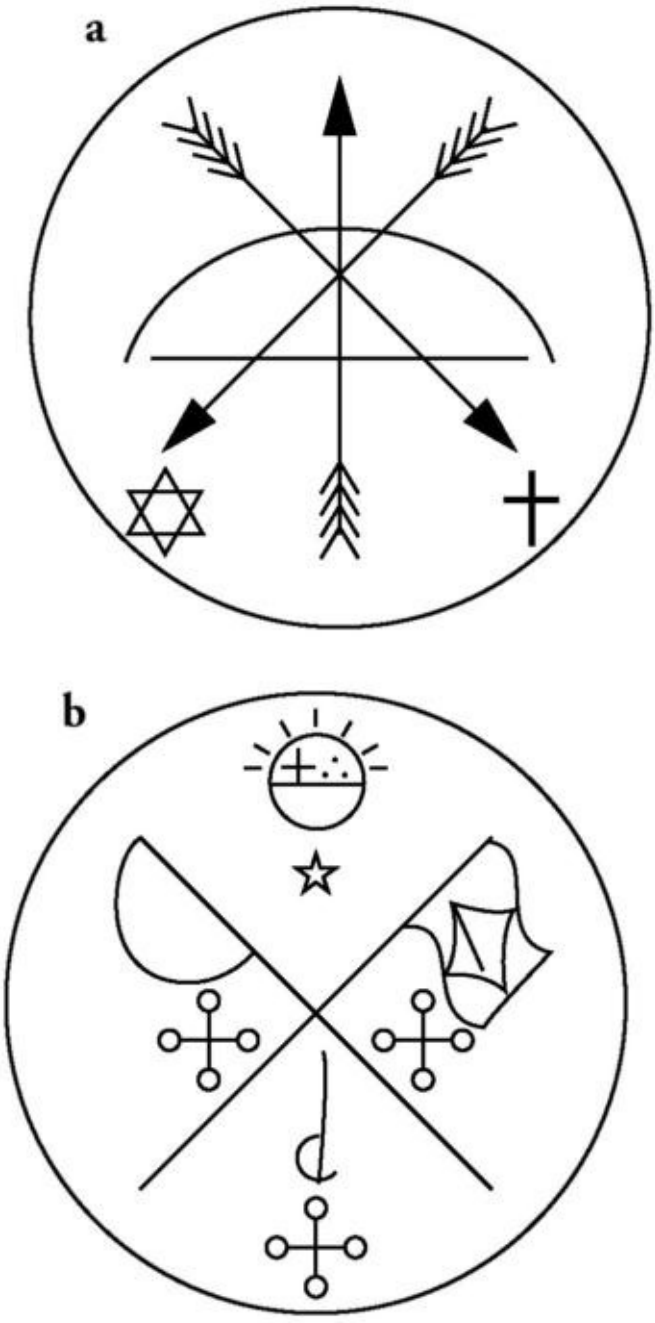


Figura 2.3 (a,b) - Ponto riscado de Ogum - básico. Em seu ponto, Ogum pode fazer referência às ferramentas de caça, que ensinou ao irmão Oxóssi (a) ou a sua função de guerreiro e ferreiro (b).

É por isso que ele protege as estradas e quem por elas anda, os locais onde se desenvolve a agricultura, as indústrias e ferramentarias.

Em geral, a Umbanda sincretiza Ogum com São Miguel Arcanjo dependendo da vertente. Entretanto, o mais comum é que ele seja sincretizado com São Jorge, em sua armadura e seu cavalo, combatendo o mal, personificado pelo Dragão.



Figura 2.4 - Imagem de São Jorge em sua peleja contra o Dragão.



Figura 2.5 - Imagem de São Miguel Arcanjo, também guerreando contra o mal, precipitando por ordem de Deus o demônio aos infernos.

Ogum emite vibrações positivas e equilibra energias relacionadas à virilidade, aos caminhos, às estradas e às viagens. Também interfere em assuntos relacionados com a produtividade e coisas que devem "caminhar", prosperar.

No âmbito da saúde, Ogum rege o coração (órgão), as pernas e braços.

Para realizar qualquer tipo de ritual, encantamento, banho de descarrego ou congênere, o melhor dia da semana é a terça-feira, dia dedicado a Ogum e sua linha na Umbanda. Também é recomendável, ao se realizar qualquer coisa para Ogum ou com a vibração de sua linha, fazê-lo na lua cheia, preferencialmente das 9h00 às 11h00 da manhã (para assuntos comerciais) ou ao anoitecer, mas não muito próximo da meia-noite, preferencialmente das 17h00 às 19h00 (para demandas relativas ao caminho e à produtividade).

As essências que mais agradam esse Orixá são violeta e açafrão. Embora seja

muito masculino e conservador, que não se atém muito às coisas femininas, cravos vermelhos agradam Ogum e são a melhor flor para enfeitar seu conga. Suas cores são vermelho e branco, azul marinho e branco ou azul marinho e vermelho. Por vezes, também se pode usar verde escuro como a cor de Ogum, mas isso é mais raro.

Seus minerais são o ferro, a liga de aço e o manganês. Pedras que recebem muito bem suas irradiações são o rubi, a granada e o sárdio, tanto que, esculpidos e polidos, são usados para fazer firmas para fechar fios e guias dos filhos de Ogum.

A guia de Ogum é feita com 108 contas, leitosas ou de cristal, sempre seguindo em duas cores (vermelho e branco na Umbanda de tradição, azul marinho e branco em alguns casos, vermelho e azul marinho nas casas de Nação e, para alguns casos, especialmente Ogum Rompe Mato, verde escuro e branco) em fecho com firma branca ou na pedra regida pela energia do Orixá.

ERVAS DE OGUM

- abacateiro;
- aroeira;
- canela;
- comigo-ninguém-pode;
- espada-de-são-jorge;
- goiabeira;
- jurubeba;
- mangueira;
- peregum, de folhas amarelas e verdes;

- pinheiro;
- romã;
- são-gonçalinho;
- vence-demanda.

FRUTAS DE OGUM

- marmelo;
- laranja;
- limão.

OGUM ENSINA O SEGREDO DO FERRO, MAS TEM DE VAGAR NAS ESTRADAS POR SEUS PECADOS

Nas terras de Oxalá
Os orixás e as pessoas
Viviam e trabalhavam em igualdade,
Todos caçavam e plantavam,
Mas seus instrumentos eram frágeis,
Feitos de madeira e pedra e, por isso,
O trabalho era muito demorado e duro.

Quanto mais pessoas havia
Mais a comida ia faltando
E, sendo necessário plantar uma área maior,
Aquelas ferramentas não ajudavam muito.

Quando tentavam limpar um terreno,
Dentro em pouco, os orixás e os homens
Fracassavam e suas ferramentas quebravam.

Até que veio Ogum.
Numa grande e difícil empreitada,

Usando suas ferramentas de ferro,
Segredo dado a ele e somente a ele
Por seu Pai, Oxalá.

E ele foi o único a limpar
Um grande terreno para o plantio.

Esse material dava a Ogum
Uma grande vantagem sobre os demais,
Na agricultura, na caça e até mesmo na guerra,
E este segredo, Ogum não contava a ninguém.

Até que os orixás ofereceram a Ogum
O reinado sobre os deles
Em troca do segredo do ferro
E ele aceitou.

Embora Ogum tivesse se tornado rei,
Ele era antes de tudo um caçador,
Um guerreiro.

Em uma de suas viagens para caçar,
Ele tardou a voltar
Ausentando-se por muitas luas do seu Reino.

Quando voltou, viu que os orixás
Tinham passado a desprezá-lo,
Que ele fora destituído de seu reinado.

Embora os seus irmãos Orixás
Tenham pago com ingratidão
O segredo que Ogum lhes dera,
Ele venceu as dificuldades
E novamente se tornou Rei
Por esforço e pelo ferro,
Que ele fazia melhor que ninguém.

Mas os Homens,
Os homens sempre lembram de Ogum
E a ele oferecem sacrifícios e honras
E deixam sob seus cuidados as ferramentarias
De seus templos, para que Ogum cuide delas.

Mas Ogum também tem seus defeitos
E por suas querelas amorosas,
Ogum cometeu inúmeros pecados,
Investindo em conquista até contra sua própria mãe.

Ogum possuía um temperamento viril
E não aceitava não como resposta.

Teve como amantes Oxum, Iansã e Obá,
Mas todas perdeu para o irmão Xangô,
Que as desposou por fim,
Pois Ogum as maltratava e as violentava.

Seus pecados e o desrespeito
Para com as mulheres e o matrimônio
Foram o motivo pelo qual Oxalá, seu Pai,
O obrigou a viver para sempre nas estradas,
Ajudando aqueles que se perdem
E procuram por um caminho,
Pois Ogum jamais encontraria o seu.

COMIDAS E BEBIDAS DE OGUM

Ogum come bem e farta-se, especialmente nos grãos que vêm da agricultura que, com seus ferros, ele ensinou ao homem.

Ogum gosta de beber cerveja, gosta de bebida fermentada, mas, às vezes, uma boa cachaça também faz seu porte, especialmente com sua tão deliciosa feijoada. Mas Ogum come inhame, assado e bem-feito, espetado na madeira, coberto com mel; é o Orixá do vatapá, mas é muito difícil fazer um que realmente fique do seu agrado, pois Ogum é exigente em seu paladar.

Vatapá verdadeiro de Ogum

Azeite de dendê
Dois cocos
Meio quilo de camarão seco
Meio quilo de camarão fresco
Meio quilo de garoupa (ou outro peixe de posta)
250g de amendoim torrado, ou se preferir, 100g de castanha de caju torrada
Doze pães pequenos dormidos, amolecidos em água

Tire o coco da casca. Lave, rale e, depois de aquecê-lo em banho-maria, esprema num guardanapo o leite puro. Junte ao bagaço dois copos de água quente e esprema novamente. Repita o processo mais uma vez, cuidando de deixar separados os leites. Passe na máquina de carne, com chapa lisa, duas cebolas grandes e dois dentes de alho. Com a chapa de picadinho fino passe o camarão seco. Passe o pão amolecido com a chapa lisa. Cozinhe o peixe e o camarão frescos com pouco tempero, sem tomate. Refogue o amendoim, a cebola, o alho e o camarão seco. Depois junte o pão. Vá juntando o segundo leite, depois o terceiro, enquanto for preciso, até dar consistência. Também pode juntar um pouco da água onde foram cozidos o peixe e o camarão, se for preciso. Quando estiver tudo quase cozido, junte o leite puro, o peixe em lascas e o camarão fresco. Ao botar o pão, tempere com sal e não pare de mexer, para não embolar. Junte azeite de dendê em quantidade suficiente. (A consistência deve

ser para comer com garfo.) Sirva com angu de arroz.

Angu de arroz

Desmanche o fubá de arroz em leite de coco ralo e frio. Tempere com sal e leve ao fogo para cozinhar, sem parar de mexer. Quando estiver cozido, pode juntar o leite de coco puro, fervendo por mais um ou dois minutos. Despeje em forma molhada, deixe esfriar e desenforme num prato. O angu é o acompanhamento correto do vatapá, e não o pirão que costuma ser servido.

Feijoada de Ogum

Um quilo de feijão preto
500g de peito bovino
500g de carne seca
250g de lombo salgado
500g de paio
250g de toucinho fresco ou defumado
250g de costela salgada
Uma cebola grande
Sal a gosto
Azeite de dendê
Louro e alho

Preparar essa maravilhosa iguaria para Ogum é muito simples. Basta colocar as carnes e o feijão de molho, separadamente, de véspera. Depois é só aferventar bem para tirar o excesso de sal e de gordura, trocando a água pelo menos duas vezes. Depois é só cozinhar o feijão junto com as carnes e o louro a gosto. Quando tudo estiver bem cozido, temperar com a cebola e o alho refogados no azeite de dendê.

PONTOS CANTADOS DE OGUM

Ogum
Ogum em seu cavalo corre,
E a sua espada reluz
Ogum, Ogum Megê,
Sua bandeira cobre os filhos de Jesus.

Ogum não devia beber,
Ogum não devia fumar,
A fumaça é a nuvem que passa
E a cerveja é a espuma do mar

Eu tenho a minha espada pra me defender,
Eu tenho Ogum em minha companhia
Ogum é meu Pai,
Ogum é meu guia,
Ogum é meu Pai,
Seu sete ondas, filho da Virgem Maria

Beira-Mar
Auê, Beira-Mar
Ogum já jurou bandeira
Nos campos do Humaitá
Ogum já venceu demanda
Vamos todos saravar
Beira-Mar
Eu tava na minha banda

Eu tava no meu congá
Eu tava lá na calunga
Pra que me mandou chamar
Beira-Mar
Auê, Beira-Mar
A sua espada, meu pai
Eu quero ver
A sua lança, meu pai
Ogum Megê

Seu Ogum Beira-Mar, O que trouxe do mar?
(Seu Ogum Beira-Mar, Os teus filhos te chamam)
Seu Ogum Beira-Mar, O que trouxe do mar?
Quando ele vem..... beirando a areia
Vem trazendo nos braços
O rosário sagrado de Mamãe Sereia

Oxóssi

Oxóssi, Caçador e Rei da Mata
Senhor dos Animais e da Caça
Oquê, Caboclo! Oquê, Arô!

OXÓSSI NA UMBANDA

Oxóssi, na Umbanda, é um orixá bastante peculiar: por vezes, ele é diretamente associado ao caçador; outras, defensor das matas, senhor da fartura, das ervas que curam e da prosperidade. É esse o Orixá responsável por ensinar aos homens o valor da caça com responsabilidade, aquele que mostra que caçar sem moderação pode trazer graves consequências, não só à natureza, mas ao próprio homem.

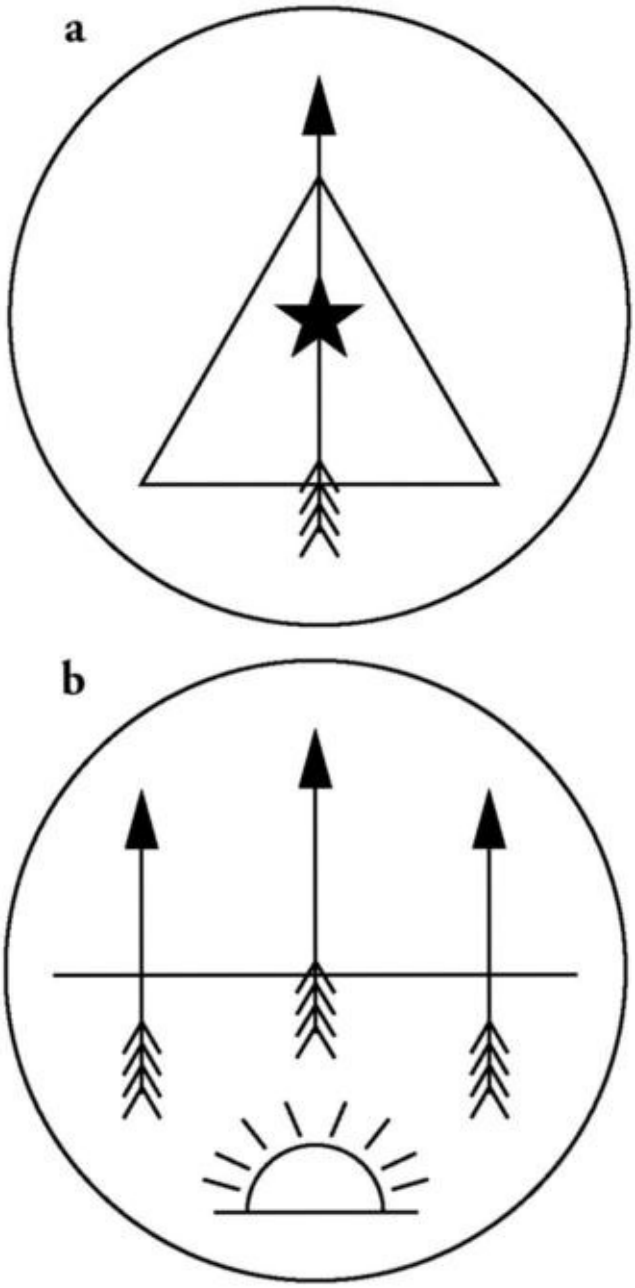


Figura 2.6 (a,b) - Ponto riscado de Oxóssi - básico. Em seu ponto, Oxóssi pode mostrar que rege a mata virgem (a) ou a caça, propriamente (b).

Oxóssi habita as matas e as pradarias, os lugares onde se possa caçar e a caça seja abundante e saudável. Ele é sincretizado, normalmente, com São Sebastião - exceto na Bahia, em que especialmente o Candomblé mais tradicional o sincretiza com São Jorge.



Figura 2.7 - Imagem de São Sebastião.

Normalmente, suas vibrações são invocadas quando se precisa de energias que concernem à prosperidade e à fartura, caça, criação de animais, buscas pessoais e interiores, além de conscientização sobre a natureza.

No corpo humano, Oxóssi rege os braços, como o irmão Ogum, mas também os pulmões, que lhe dão fôlego para correr e caçar.

O melhor dia para fazer oferendas ao Caçador são as quintas-feiras, e a melhor fase da lua é a nova. O melhor horário, entretanto, é o cair da noite - o bom caçador sabe que o momento em que a guarda dos bichos diminui é quando se preparam para o cair da noite.

Por ter uma relação muito forte com as folhas da mata - na Umbanda de Nação fala-se que ele foi morar na mata com Ossaim, o deus das folhas - suas essências são geralmente todas aquelas derivadas do cheiro delas.

Suas cores são o azul-claro (no Candomblé) e o verde claro (na Umbanda). As

pedras que agradam o Rei Caçador são a turmalina e a jaspe e, tal qual o irmão, Ogum, seus metais são o ferro e o magnésio. Ao presentear Oxóssi com flores, ele prefere as mais simples, como margaridas e gérberas.

As guias de Oxóssi são feitas com 108 contas leitosas ou de cristal, sempre seguindo em duas cores (verde claro e branco na Umbanda de Tradição, azul-claro e branco nas casas de Nação), em fecho com firma branca ou sua pedra preciosa.

ERVAS DE OXÓSSI

- abre-caminho;
- alecrim-do-campo;
- capim-limão;
- chapéu de coro;
- erva-doce;
- jureminha;
- levante;
- malva-rosa;
- mangueira;
- peregun-verde;
- pitangueira;
- romã;
- sabugueiro;

• vence-demandas;

• violeta.

FRUTAS DE OXÓSSI

• butiá;

•mêspera (ameixa branca);

•coco;

•frutinhas de mato (abica, bacaba, bacuri, murici, pequi etc.).

OXÓSSI TORNA-SE REI DOS CAÇADORES, MAS ACABA CAÇANDO EM DEMASIA

Oxóssi aprendeu a Arte da Caça
De seu irmão Ogum que,
Quando lhe ensinou a peleja,
Passou a se dedicar só a suas ferramentas,
À guerra e suas andanças pelas estradas

Oxóssi é caçador.
Ogum é guerreiro.

Mas embora o irmão tenha lhe ensinado a caçar,
Foi Deus quem o fez Rei dos Caçadores,
Mas este título, no entanto,
É causa de profunda tristeza a Oxóssi,
Pois eis que Oxalá viera a sua morada,
Depois de uma longa viagem,
Pedindo-lhe que caçasse uma codorna
Que deveria ser dada a ele.

Oxóssi o fez e, na manhã seguinte,
Entregaria a codorna a Oxalá.
Deixou-a dentro de sua casa,
Presa no embornal.

Quando Oxalá veio receber sua oferenda,
Oxóssi o levou até o lugar,
Mas quando viu,
A codorna havia sido roubada.

Tamanho foi seu desgosto que maldisse a vida
E jurou que pegaria o ladrão.

Perguntou a sua mãe se ela sabia de algo
E ela disse que não.

Perguntou a todos os criados da casa
E eles lhe redarguiram
Que não sabiam de coisa alguma.

Pediu que Oxalá lhe desse mais um dia,
E este assim o fez.
No dia seguinte,
Lá estava ele com a codorna.
Oxalá ficou muito satisfeito
E deu a ele um arco precioso,
Pelo qual ficou honrado
Seu posto de Rei dos Caçadores.

Neste momento, cheio de felicidade,
Oxóssi lançou ao alto uma flecha,
Dizendo que aquela ponteira
Se cravaria no coração
De quem lhe roubara a codorna,
A primeira que estava no embornal,
Por ter tentado impedir sua coroação.

Neste momento,
Oxóssi ouviu um grito surdo:
Era de sua mãe,
E quando chegou onde ela estava,

Ele a viu, caída no chão,
Com a flecha encravada no peito

Ela roubara sua codorna e a comera,
Por gula, como a maioria dos homens faz.

Isso custou a vida de sua mãe
E a sua felicidade em ser o Rei da Caça.

Foi quando Oxóssi se precipitou às matas
E lá passou a viver.

No entanto, pouco tempo depois,
Oxalá o chamou de volta,
Pois havia uma grande fome
Que assolava os homens.
Ele precisava fazer seu papel:
Caçar para amenizar a fome do homem.

Sua peleja começou,
E ele auxiliou todos os caçadores,
Por vezes, ele mesmo caçava.

No entanto, foi pegando gosto exagerado pela caça
E, embora a fome tivesse sido banida,
Ele continuava matando e matando.

Oxalá interferiu, pedindo que parasse.
Oxóssi não parou.
Chegou a matar um pombo branco,
O animal sagrado de Oxalá,
Que nem sequer podia alimentar uma criança,
Tão pequeno que era.

Oxalá ficou triste
E se afastou de Oxóssi.

Já não reconhecia o deus caçador:
Ele vivia sedento por sangue,
Sem se importar com as consequências de sua caça.

Ele nem conseguia comer mais aquilo que caçava
E a comida apodrecia.
Os animais começaram a escassear
E nem por isso Oxóssi parava.
Isso lhe dava ainda mais gosto.
Oxalá tentou interceder novamente,
Mas Oxóssi o ignorou novamente.
Uma noite, Oxóssi encontrou um cervo
E nele atirou muitas flechas,
Mas parecia que elas
Não tinham causado dano algum.

Ele se aproximou mais
E, desta vez, o alvejou com sua lança,
No que, neste momento,
O cervo se iluminou.

Ao lado do veado,
Ele viu Oxalá
E, quando olhou novamente,
O que viu foi seu próprio corpo
Alvejado pelas flechas
E perfurado pela lança.

Oxalá lhe mostrou que,
Matando indiscriminadamente,
Ele apenas acabaria matando a si mesmo.

A visão fora tão aterradora
Que Oxóssi nunca mais caçou.

Passou apenas a proteger os caçadores
Desde que caçassem com justiça.

COMIDAS E BEBIDAS DE OXÓSSI

Oxóssi é rei, é aquele que é justo. Dá caça farta, mas também protege os animais dos caçadores quando estão com seus filhotes, porque, se os filhotes não crescerem, não haverá animais para caçar.

Oxóssi come muito milho e pratos feitos principalmente de coco e canjiquinha. Gosta de carne-de-sol e cuscuz, e suas bebidas são o aluá e a gengibirra, tudo isso com muitas frutas saborosas.

Juntar várias qualidades de frutas numa grande cesta e cobri-las com um pano branco é uma boa oferenda também. Chamam-na quitanda de Oxóssi.

Milho doce

Desfolhe quantas espigas de milho desejar e asse num braseiro. Quando estiverem bem quentes, retire e polvilhe com açúcar. Se for usar esse prato como oferenda, e não em uma festa para servir ao povo, use fitas verdes e brancas para decorá-lo.

Milho cozido

Da mesma forma, se desejar, desfolhe quantas espigas achar necessário e cozinhe em água com bastante sal. Coloque na mata sobre uma folha de bananeira. Oxóssi aceita melhor suas oferendas se estiverem ao natural.

Mungunzá

50g de milho branco para canjica
Uma garrafinha de leite de coco
Um copo de leite de vaca
Um litro de água
Sal (à vontade)
Uma xícara de açúcar

Ponha o milho de molho no dia anterior. Depois, de manhã, cozinhe com o sal. Quando estiver bem cozido, misture com os outros ingredientes e sirva.

A1uá de Oxóssi

Uma garrafa de vinho tinto doce
Uma colher (sopa) de gengibre ralado
Açúcar (à vontade)
Folhas de jurema

Misture o vinho com o gengibre e adoce a gosto. Junte as folhas de jurema se estiver preparando a bebida para o orixá, e não para servir ao povo numa festa.

PONTOS CANTADOS DE OXÓSSI

Quem mora na mata é Oxóssi,
Oxóssi é caçador,
Oxóssi é caçador.
Eu vi meu pai assobiar,
Eu mandei chamar.
Vem da Aruanda ê,
Vem da Aruanda a,
Pai Pena Branca,
Vem da Aruanda,
Vem na Umbanda.

Oxóssi êeee
Oxóssi aaaaa
Oxóssi é marambolê, marambolá
Quem é aquele que vem lá de Aruanda
Montado em seu cavalo
Com seu chapéu de banda
Ele é Oxóssi de Aruanda eeeeee
Ele é Oxóssi de Aruanda aaaaa

Oxóssi na mata sorria
sorria ao ver o perigo
às vezes
seu peito batia
seu sangue escorria

mesmo assim ele sorria
Oxóssi é rei

Oxóssi na mata sorria
sorria ao ver o perigo
às vezes
seu peito batia
seu sangue escorria
mesmo assim ele sorria
Oxóssi é rei

Oxóssi na mata sorria
sorria ao ver o perigo
às vezes
seu peito batia
seu sangue escorria
mesmo assim ele sorria
Oxóssi é rei

O galo cantou
Está chegando a hora
Oxalá está lhe chamando
Caçador já vai embora.
O galo de campina assobiou!

XANGÔ

Xangô, Rei dentre os Orixás
Aquele que luta com seus oxês pela Justiça
Kaô Kabecilê, ô!

XANGÔ NA UMBANDA

Xangô é rei. Rei entre os homens, rei entre os Orixás. Seus oxês batalham na luta pela justiça. Ele habita as pedreiras, as grutas de pedras, os redutos da natureza contendo rochas e fogo, bem como os vulcões.

Ele é sincretizado com São Jerônimo e por vezes com São Pedro - já que, na cosmogonia cristã, é ele quem julga quem vai entrar ou não no paraíso, por ser o

guardião das chaves do céu. Também por isso é que Xangô rege, na Terra, todas as questões que envolvem justiça e benefícios, bem como assuntos profissionais e legais.



Figura 2.8 - Imagem de São Jerônimo.



Figura 2.9 - Imagem de São Pedro.

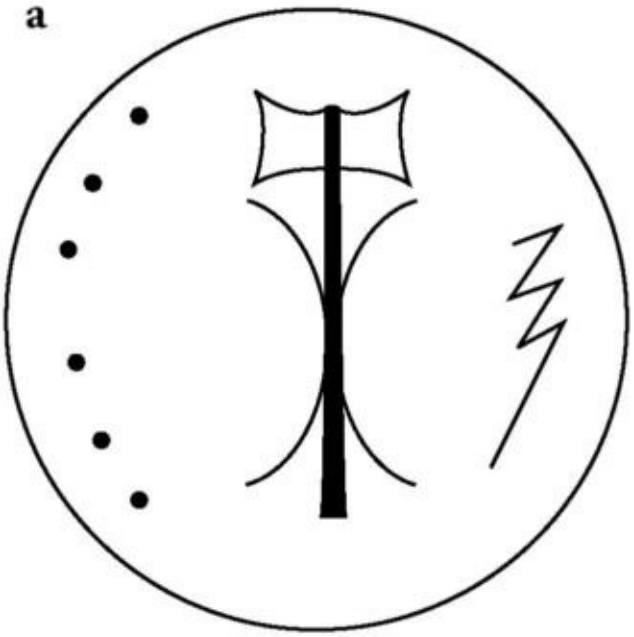
Na saúde, é bom recorrer a ele quando forem problemas de fígado e vesícula, mas de maneira geral, a tudo o que se referir ao aparelho digestivo.

Para o que quer que se realize para Xangô, seu dia da semana é quarta-feira, a fase da lua que mais favorece os trabalhos em seu nome é a cheia e é melhor fazer pedidos sobre demandas no horário das 12h00 às 14h00.

Ele gosta de sândalo e essências que sejam equilibradas. Suas cores são o vermelho e o branco, quando não o marrom e o branco - na Umbanda de Nação. Suas pedras preciosas são o jaspe, o topázio marrom e a cornalina. Quanto aos metais, ele rege o estanho, o cobre e o molibdênio.

Xangô é orixá de essência extremamente masculina, mas aceita flores para enfeitar e perfumar os ambientes onde estiver sendo invocado; suas favoritas são a saudade, a violeta branca e os cravos vermelhos.

Para fazer uma guia de Xangô, são necessárias 108 contas (marrom e branco ou vermelho e branco) fechadas com uma firma marrom.



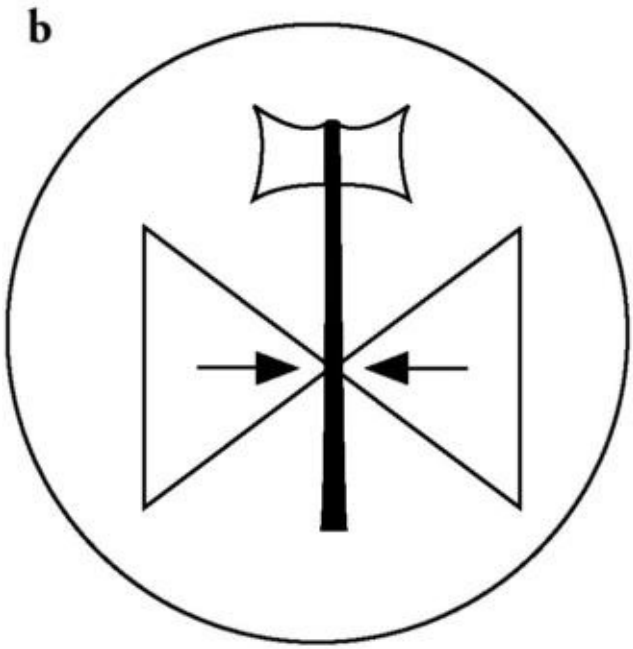


Figura 2.10 (a,b) - Pontos riscados de Xangô - básico.

ERVAS DE XANGÔ

- alecrim-do-mato;
- café;
- erva-de-santa maria;
- erva-lírio;
- fortuna;
- gervão-roxo;
- levante ou elevante;
- limoeiro;
- malva-branca;

- manjericão-branco;
- para-raio;
- pata-de-vaca;
- quebra-pedra;
- sucupira.

FRUTAS DE XANGÔ

- morango;
- caqui;
- cacau;
- mamão;
- goiaba.

XANGÔ É REI E VENCE SEUS INIMIGOS E OS JULGA COM JUSTIÇA

Em certo tempo,
Xangô lutava com seus homens
Contra um inimigo implacável
e já sem saber o que fazer,
Recorreu a Oxalá.

Cada vez que um dos seus era capturado,
Torturavam e matavam,
Devolvendo o corpo
Em pedaços para o Rei.

Xangô estava em fúria
E seus homens com medo.
Oxalá lhe disse que,
Em certo lugar,

Perto de onde as batalhas aconteciam,
Havia um pântano,
De onde brotava uma pedreira.

Oxalá lhe disse que ali
Ele deveria usar seus oxês,
Seus machados de duas lâminas,
Contra seus inimigos.

Xangô fez exatamente
O que Oxalá mandou,
E o que era uma grande derrota até então,
Tornou-se vitória dentro em pouco:
Os oxês, batiam nas pedras
E acendiam no ar línguas de fogo
Erguendo-se do terreno pantanoso.

Muitos soldados inimigos morreram,
E ao fim o exército de Xangô
Tinha vencido a demanda
e ganho a guerra.

Os chefes inimigos
Que ordenavam as mortes
Dos soldados de Xangô
Foram dizimados por um raio
Que Xangô disparou no auge de sua fúria,
Mas os soldados foram poupados.

Foi isso que fez o senso de justiça de Xangô
Ser admirado por todos.

É por isso que os homens
Sempre recorrem a Xangô
Para administrar e julgar suas demandas
E as causas relacionadas à justiça.

Foi Xangô,
Senhor do fogo quem deu
Ao homem esse segredo.

Sem o fogo não se cozinha
e sem o fogo não se faz uma forja
Ou o que quer que seja.

Não que Xangô tenha criado o fogo,
Mas ele próprio é fogo intenso,
e por isso o comanda.

COMIDAS E BEBIDAS DE XANGÔ

Kaô, Xangô, que só se satisfaz com seu bom amalá.

Xangô bebe cerveja preta, pois essa é sua bebida favorita, e embora goste muito de seu amalá, na verdade, a maioria dos pratos feitos apenas com quiabo o satisfaz.

Aberém

Duas xícaras (chá) de canjica
Sal
Açúcar
Folha de bananeira em tiras

De véspera, deixe o milho de molho em água fria. No dia seguinte, cozinhe, em uma panela com um pouco de água, uma pitada de sal e outra de açúcar.

Quando o milho amolecer, moa ou passe pelo processador.

Corte folhas de bananeira em tiras de 10 cm de largura e passe-as na chama do fogão para amolecer. Coloque uma colher de sobremesa do mingau sobre cada tira, enrole e amarre as pontas. Mergulhe numa panela com água fervente e cozinhe por alguns minutos.

Amalá de Xangô

500g de quiabo
Uma rabada cortada em doze pedaços
Uma cebola
Um vidro de azeite de dendê
250g de fubá branco

Cozinhe a rabada com cebola e dendê e, numa panela separada, faça um refogado de cebola e dendê, separe doze quiabos e corte o restante em rodelas bem fininhas. Por fim, junte a rabada cozida com o fubá, faça uma polenta e com ela forre uma gamela, coloque o refogado e enfeite com os doze quiabos, enfiando-os no amalá de cabeça para baixo.

PONTOS CANTADOS DE XANGÔ

Pedra rolou Xangô
Lá na pedreira
Segura a pedra meu Pai
Na cachoeira
Tenho o meu corpo fechado
Xangô é meu protetor
Firma seu ponto meu Pai

Pai de cabeça chegou

Xangô, ele é rei da pedreira
Rei da pedreira ele é o rei de Umbanda
Xangô ele é o nosso Pai
E filhos de Xangô
Bambeia mas não cai

Eram seis horas
Quando o sino tocou
Na Marambaia
Cidade da Jurema
Eram dez horas
Quando o galo cantou
Com licença de Zambi
Saravá Pai Xangô

Pedra rolou pra Xangô
Lá nas pedreiras
Afirma o ponto meu pai
Na cachoeira
Pedra rolou pra Xangô
Lá nas pedreiras
Afirma o ponto meu pai
Na cachoeira

Tenho meu corpo fechado
Xangô é meu protetor
Afirma o ponto meu pai
Pai de cabeça é Xangô
Tenho meu corpo fechado
Xangô é meu protetor
Afirma o ponto meu pai
Pai de cabeça chegou

IANSÃ

Iansã, Senhora dos Ventos e das Tempestades
Aquela que leva os homens ao mundo dos mortos
Eparrei, Iansã!

IANSÃ NA UMBANDA

Iansã é poderosa. Ela é filha de Nanã e carrega o dom da mãe de lidar com eguns e, com isso, a livre passagem para o mundo dos espíritos. Mas ela também é vento e tempestade. Ela vive no bambuzal, onde os espíritos se escondem e onde seu vento ecoa entre as cascas secas que caem dos bambus. Ela faz arquear os altíssimos galhos do bambuzal.

Na Umbanda, ela é sincretizada com Santa Bárbara e com Santa Catarina de Alexandria.



Figura 2.11 - Imagem de Santa Bárbara.



Figura 2.12 - Imagem de Santa Catarina de Alexandria.

lansã emite vibrações para resolver os problemas mais diversos, mas que necessitem de desfecho rápido. Também é invocada quando há espíritos prejudicando uma determinada situação, fantasmas e almas desencarnadas obsessoras. Os assuntos com os quais ela tem maior afinidade são aqueles que concernem a problemas sentimentais, intempéries e tempestades que destroem casas e colheitas, indústrias etc.

lansã rege problemas de saúde relacionados com o aparelho reprodutor de ambos os sexos. Aqueles que são regidos por ela, em geral, sofrem constantemente de queda de cabelo e diabetes.

A ela podem ser ofertados pequenos regalos nas quartas-feiras e nos sábados. A fase da lua mais propícia para isso é a nova. O melhor horário para lhe fazer

ofertas, quando a intenção for relacionada a uma solução rápida de problemas é o das 9h00 às 13h00; quando o assunto for sentimental, prefira fazê-lo das 21h00 às 23h00.

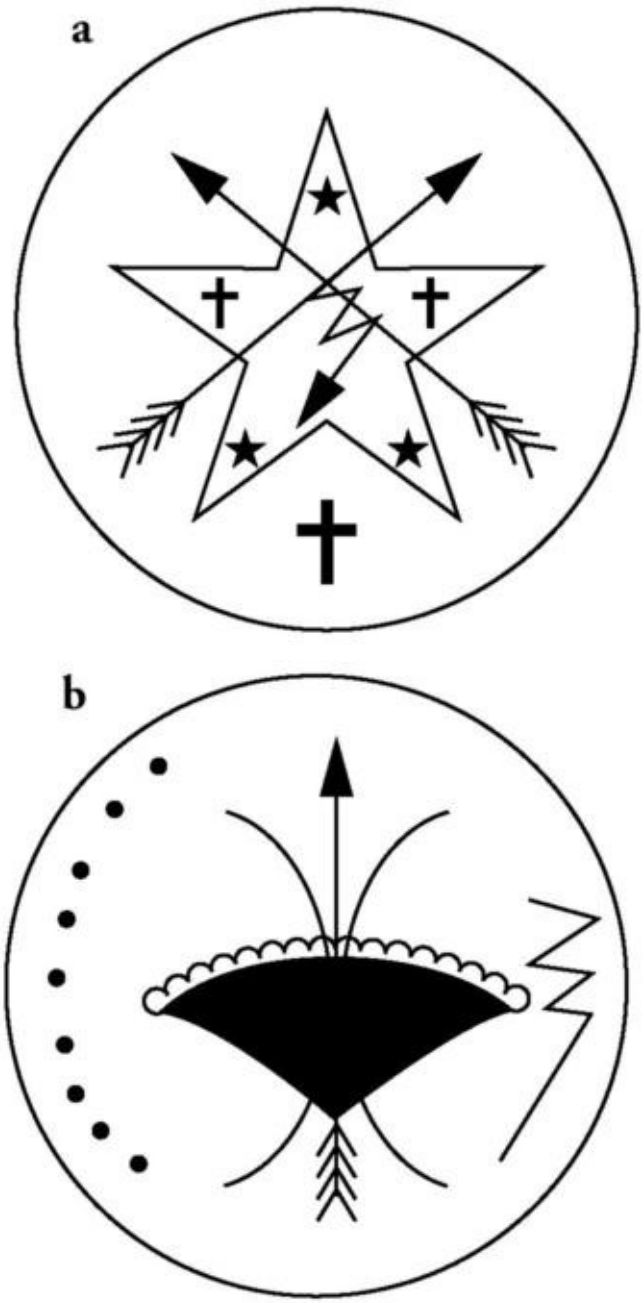


Figura 2.13 (a,b) - Pontos riscados de Iansã - básico.

Seus perfumes são o benjoim e o aloés, e suas cores, na Umbanda, são o rosa-

claro e o branco ou o coral e o branco. Suas pedras preciosas favoritas são o coral vermelho e o quartzo rosa; o metal de sua regência é o cobre.

lansã adora ser presenteada com flores. As favoritas são as rosas vermelhas, as dálias e as damas-da-noite. Sua guia tem 124 contas (alternando um coral ou rosa e uma branca), fechando com firma coral ou branca.

ERVAS DE IANSÃ

- alfazema-de-caboclo;
- alfazema;
- anil;
- arruda;
- cana-do-brejo;
- cipó-azougue;
- dormideira;
- erva-prata;
- erva-de-santa-bárbara;
- gervão-roxo;
- losna;
- mal me quer;
- orquídea;
- para-raio;
- violeta.

FRUTAS DE IANSÃ

- maçã vermelha;
- tangerina;
- laranja-bahia;
- uva rosa;
- pitanga;
- cereja.

IANSÃ É O VENTO LIVRE E AC►UECE A FORJA DE OGUM

Iansã tinha muitas joias,
Adornos e pedras preciosas,
Que usava com muito orgulho.

Uma ocasião resolveu sair de casa
Trajando todos eles,

Mas foi advertida por seu pai Oxalá
De que era perigoso fazê-lo,
Sair com tantas joias assim
E ela foi impedida de fazê-lo.

Esbravejando gritando e revoando,
Ela entregou todas as suas joias a Oxum,
E saiu tão rápido,
Que levou tudo em seu caminho.
Ninguém mais podia vê-la.
Ela era agora o vento bravio.

Quando este grande vento
Chegou a uma determinada cidade,
Iansã viu-se no meio de uma grande guerra,
Que Ogum comandava fazendo mais e mais armas,
Só que muito lentamente,
Porque o fogo não rendia mais que aquilo.

Iansã tinha se enamorado de Ogum
E resolveu ajudar Ogum a apressar a produção.
Com seu vento ela avivou as chamas
E assim o fogo mais intenso
Derretia mais rápido o ferro.

Mas logo Iansã seguiu seu caminho,
Deixando Ogum sozinho.
Ele nunca a esqueceu,
Mesmo assim,
Pois mesmo a distância,
Iansã ainda soprava seu vento
Na direção da forja de Ogum,
E tudo que havia pelo caminho,
Era tocado por ela.
Por vezes, seu sopro era tão forte
Que o povo chamava-o de Tempestade.

Iansã é a mãe de Egungun,
O espírito humano ancestral que se faz deus.
Dele é o Mundo dos Mortos.
E ela é a Rainha que leva os homens para lá.

Seu poder é sobre os espíritos,
E ela dança com alegria entre eles,
Agitando no ar seu iruquerê,
Com que os guia ao outro mundo.

COMIDAS E BEBIDAS DE IANSÃ

O acarajé de Iansã é delicioso, cheio de camarões e segredos.

Comida de lansã é comida apimentada, forte. Bebida é Martini, cerveja ou cachaça doce. Assim, para regalar lansã, veja as receitas: Acarajé

Meio quilo de feijão fradinho
Duas cebolas grandes
250 g de camarão seco (se colocar o camarão de molho por uma hora em água fria, terá de acrescentar sal, senão, cuidado para não salgar)
Uma colher (chá) de gengibre ralado
Sal (se necessário)
Azeite de dendê para fritar
Vatapá para rechear

Deixe o feijão fradinho de molho com a água durante 24 horas. Troque várias vezes a água para não azedar. Depois, lave bem em vários litros de água e, em seguida, retire a casca e os olhinhos pretos. Passe o feijão no moinho ou no pilão, aos poucos, transformando em farinha. Coloque em uma bacia e bata, agora com água o suficiente para mexer bem com uma grande colher de pau, formando uma massa. Coe em um pano fino, esprema e reserve. Bata agora no liquidificador a cebola, o gengibre e o camarão. Junte à massa de feijão em uma bacia. Bata bem com uma colher de pau, mexendo de baixo para cima, para o ar entrar e a massa ficar bem leve, até dobrar de volume. Coloque o azeite de dendê num tacho e deixe esquentar bem, junte uma cebola média inteira (para não queimar o azeite). Modele os acarajés com uma colher de pau, pegue uma quantidade de massa da panela e com uma colher de sopa ajude a modelar. A quantidade de massa para cada acarajé é de três colheres de sopa. Frite e escorra em bastante papel-toalha ou pano de prato. Recheie a gosto.

Normalmente, o acarajé é servido com vatapá, molho de camarão e pimenta, para ficar, como dizem os baianos, "quente". Mas isso serve para os seres humanos. lansã gosta de seu acarajé bem assim, só o bolinho decorado com camarão seco frito em dendê.

Vatapá de lansã

Um quilo de camarão seco sem as cabeças
Quinze pães franceses amanhecidos (com três dias ao menos)
200 g de amendoim torrado e sem a pele
300 g de castanha de caju
Três vidros de leite de coco (600 ml)
Duas colheres (sopa) de gengibre ralado
Um maço de coentro
Quatro cebolas picadas
Uma xícara de azeite de dendê
Sal

Coloque o pão de molho no leite de coco por alguns minutos. Passe pelo liquidificador o pão já umedecido com um pouco do camarão e depois coloque tudo numa panela grande. Cozinhe em fogo médio, e quando começar a desprender da panela, está pronto. Cuidado com o sal.

Molho de pimenta para o vatapá

Meio quilo de pimenta malagueta
Duas cebolas
100 g de gengibre ralado
100 g de camarão descascado
Uma xícara de azeite de dendê
Uma colher (sopa) de sal

Bata tudo no liquidificador e leve ao fogo. Para deixar mais ralo, acrescente um pouco mais de azeite de dendê. Pode deixar alguns pedaços inteiros da pimenta, fica muito bom.

PONTOS CANTADOS DE IANSÃ

Eram duas ventarolas
Duas ventarolas
Que ventavam o mar
Uma era Iansã
Arerê
A outra era Iemanjá
E eparrê

Iansá tem um leque de penas
Pra abanar em dia de calor
Iansã tem um leque de penas
Pra abanar em dia de calor
Iansã mora nas pedreiras
Eu quero ver meu pai Xangô
Iansã mora nas pedreiras
Eu quero ver meu pai Xangô

Saravá Iansã
Dos cabelos louros
Seu luar tem prata
Sua coroa tem ouro
Ê, ê, ê, ê
Ê, ê, ê, á
Saravá Iansã
Rainha do Jacutá

Oh minha Santa Bárbara
É hora
Filhos de Umbanda, Mamãe
Sempre aqui choram

IEMANJÁ

Iemanjá, Rainha do Mar
Aquela que é mãe e governa a cabeça dos homens
Otopiaba, Mamãe! Odoyá, Iemanjá!

IEMANJÁ NA UMBANDA

Iemanjá é conhecida por muitos nomes. Alguns a chamam Dona Maria, Marabô, Inaê, Princesa D'Água, Dona Janaína, Senhora das Águas de Aiocá. lemanjá é mãe e é esposa, ela é Sereia do Mar e nas noites de lua ela estende seus cabelos prateados sobre as águas. Mas sua cólera também é infinita quando provocada, suas ondas podem destruir tudo o que encontrarem pela frente.

Ela é Senhora do Mar e habita no fundo dele, nas praias, nas grutas e nas reentrâncias da baía. Os negros africanos que vieram escravos da África diziam que, por ser mãe zelosa, ela cuidava muito de seus filhos e tão grande era o seu amor, que ela veio com eles da África. No cais da Bahia, chamam-na Mãe Negra do Brasil e dizem que ela habita a Baía de todos os Santos. Ela é sincretizada com Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora da Cabeça, pois inspira vibrações sobre a família, o casamento, os filhos e a serenidade.



Figura 2.14 - Imagem de Nossa Senhora da Cabeça.



Figura 2.15 - Imagem de Nossa Senhora da Glória.

No que concerne à saúde, ela rege principalmente o sistema nervoso, em especial, a cabeça e os problemas neurológicos.

Para fazer oferendas a lemanjá, o melhor dia da semana é o sábado, dia de todas as Orixás femininas. No caso de fase lunar, é melhor optar por fazer oferendas na lua cheia: dizem que a sereia vem brincar na areia e espalha seus cabelos sobre as águas do mar para ver a lua. Para pedir por saúde, energia e tranquilidade, é melhor fazer oferendas no raiar do dia, das 4h00 às 6h00 da manhã; já para inspiração pessoal, o melhor é o pôr do sol, das 16h00 às 18h00.



Figura 2.16 - Ponto de lemanjá.

Suas cores são branco e azul-claro, e por vezes o verde-água também é usado para representar a cor das águas do mar que ela rege. Suas essências favoritas são o jasmim e o nardo, e suas pedras mais energéticas são a água-marinha e o lápis-lazuli; os metais que mais podem ser imantados com sua energia são a platina e a prata.

Para agradar a mãe do mar, nada melhor do que rosas brancas, palmas, angélicas e orquídeas. Ela também gosta muito de crisântemos, embora não seja bom dá-los durante o tempo de lansã (novembro), pois também são flores de quem faz a passagem.

As guias dos filhos de lemanjá são feitas, geralmente, com 115 contas, todas de cristal transparente ou azul-claro (não leitosas), fechando com uma firma azul-claro ou transparente. Já para os filhos de outro orixá, devem ser confeccionadas com 120 contas (alternando três brancas e três transparentes ou todas transparentes, fechando com uma firma transparente).

ERVAS DE IEMANJÁ

- alga-marinha;
- boldo;
- camomila;
- colônia;
- gerânio;
- jasmim;
- lágrimas-de-nossa-senhora;
- levante;
- malva-rosa;
- manjericão;
- parreira;
- pata-de-vaca;
- poejo;
- saião;
- trevo;
- violeta.

FRUTAS DE IEMANJÁ

- melancia;
- uvas brancas;

• pera.

IEMANJÁ DÁ A LUZ AOS ORIXÁS MAIS PERIGOSOS E É COROADA SENHORA DAS CABEÇAS POR OXALÁ

Eis que Iemanjá tinha um filho, Orungã.
Ele era filho de Iemanjá e Oxalá, o mais velho.
Mas Orungã era Exu
E nutria pela mãe um amor incestuoso.

Um dia, matreiro e por vezes perverso,
Ele se aproveitou da ausência do pai,
Sequestrou e violentou Iemanjá.

Ela estava em desespero
Porque o que estava acontecendo
Era um crime contra as Leis de Oxalá
E contra o próprio Oxalá.

Ela conseguiu, por alguns momentos,
Se desvencilhar, ferindo o filho, e fugiu.

Mas ele não se dava por vencido,
Sua mãe era bela e faceira
E ele queria mais.

Assim, ele a perseguiu durante muito tempo.
Cansada e exausta, Iemanjá caiu desfalecida.

Seu corpo mudou de formas de repente,
Seu ventre se abriu e dele saíram
Os Orixás mais temidos,
De toda a sorte de destruição,
Tempestade, raio e trovão,
Fogo e água revolta.

Aqueles orixás carregavam tamanha violência
Pois eram fruto da relação proibida
Que o filho manteve com a mãe.

Orungã, condenado pela culpa e pelos irmãos,
Foi viver na rua e nas encruzilhadas,
Tornando-se de vez o próprio Exu
E Iemanjá, corrompida pela culpa,
Transformou-se nas águas do mar.
Mas Iemanjá era boa e seu coração materno
Nunca desamparou nenhum de seus filhos,
Nem Orungã, por quem ela tinha grande amor,
Mas muito cuidado ao tratar.

Por ser mãe tão generosa
É que Iemanjá ganhou de Oxalá
A incumbência de cuidar de todas as cabeças.

Foi quando Oxalá estava doente, muito doente.
Sua cabeça doía dia e noite.
Ele estava enlouquecendo
E com frequência perdia a consciência.

Foi quando Iemanjá pegou um coco verde e,
Proferindo palavras de cura,
Deitou a água dele sobre a cabeça de Oxalá.

Na mesma hora, Oxalá ficou curado.
Iemanjá o tinha curado, então,
Oxalá a fez Senhora das Cabeças.

COMIDAS E BEBIDAS DE IEMANJÁ

Iemanjá é a Senhora do Mar e come aquilo que do mar provém.

A Mãe D'Água recebe de bom grado seu arroz branco cozido, seu peixe e seu

pirão, e delicia-se com um manjar branco bem-feito e todo branco. No manjar de lemanjá não se coloca ameixa nem qualquer ou tra coisa de cor. Não raro que o chamam de "Branco", embora brancas, sejam, na verdade, as comidas de Oxalá.

Camarão para Iemanjá

É camarão seco, ralado, temperado com cebola, coentro, azeite de dendê e leite de coco puro. Cozinha-se bastante, até que a massa fique toda no azeite. Bate-se uma dúzia de ovos, com as gemas, e cobre-se a massa, baixando bem o fogo. Há quem prefira terminar no forno, fazendo um belo gratinado.

Ejá

Para fazer o ejá de lemanjá, basta ralar bastante coentro e cebola, até formar uma pasta. Temperar com sal e suco de limão e a isso juntar lascas de peixe cozido e azeite de dendê.

Manjar de Iemanjá

250g de creme de arroz
Uma pescada inteira
azeite de oliva

Faça um mingau com o creme de arroz e água e uma pitada de sal. Limpe a pescada e asse-a na oliva. Coloque o mingau numa travessa de louça, deixe esfriar e coloque a pescada assada sobre o manjar; regue com oliva.

PONTOS CANTADOS DE IEMANJÁ

Eram duas ventarolas
Duas ventarolas que sopravam sobre o mar
Eram duas ventarolas
Duas ventarolas que sopravam sobre o mar
Uma era Iansã, Ieparrê
A outra era Iemanjá, adoceá
Uma era Iansã, Ieparrê
A outra era Iemanjá, adoceá

Odociaba

Fiz um pedido à mãe Sereia, Mãe Iemanjá
para nunca mais errar
Foi na areia, foi na areia
A lua lá no céu
Iluminou nosso lindo mar
A lua lá no céu
Iluminou nosso lindo mar
Sereia, Sereia do Mar
Oi Sereia, Sereia do Mar

Eu vou jogar
Vou jogar flores no mar, eu vou jogar!
Uma promessa eu fiz
Para Deusa do mar
O meu pedido atendeu
Eu prometi vou pagar
Eu vou jogar
Vou jogar flores no mar, eu vou jogar!

Ô Janaina, Princesa d'água
Solte os cabelos Janaina e caia n'água

Janaina ê, Janaina êa
Que vive na terra, que vive na lua
Que vive na água, que vive no mar
Me livre dos inimigos, me livre das aflições
Me livre dos perigos, me livre das tentações
Janaina ê, Janaina êa

Eu fui à praia saudar Iemanjá
E vi mãe sereia no fundo do mar
Linda aruê, Linda aruá
Rainha das ondas, sereia do mar
Linda aruê, Linda aruá
Rainha das ondas mamãe Iemanjá

OXUM

Oxum, Senhora do Ouro
Aquela que governa o amor e vive nos rios
Alodê, Oxum! Oraiê iêo!

OXUM NA UMBANDA

Oxum é filha de Oxalá e lemanjá. Foi criada pelo pai, que satisfez sempre todos os seus caprichos. Assim, cresceu cheia de vontades e vaidades.

Outras histórias contam ainda que foi de seu pai Oxalá que Oxum ganhou o ouro do qual também é senhora e de onde provém seu poder.

Outro de seus poderes remete à fertilidade. Não é raro que as mulheres que querem engravidar e ter filhos ofereçam a Oxum um omolokun, prato feito com feijão fradinho, com ovos e camarão, para tal fim. Oxum come com regalo e se delicia.



Figura 2.17 - Ponto de Oxum.

Oxum habita a cachoeira, os rios, córregos e os lagos. É onde ela se banha e penteia seus longos cabelos, lava suas joias e cuida de si. É o local em que mais podemos sentir sua força. Um riacho limpo é todo o prazer de Oxum.

Na Umbanda ela é sincretizada com Nossa Senhora da Conceição e suas cores são o branco, o azul-claro e o amarelo-ouro.



Figura 2.18 - Imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Suas vibrações irradiam paciência, perseverança, sensualidade e fertilidade. A ela recorrem os que possuem problemas sentimentais e de fertilidade. No caso da saúde, ela cuida dos ovários e do útero das mulheres. Nos homens, ela cuida da coluna vertebral.

O melhor dia da semana para ofertar-lhe um agrado é o sábado, especialmente logo no começo da manhã, das 6h00 às 8h00, no que concerne a problemas afetivos, e das 18h00 às 20h00, para futuras uniões e dinheiro - afinal, Oxum é a Senhora do Ouro. A lua crescente a favorece e aos trabalhos que forem feitos em seu nome. Suas essências favoritas são a angélica, o jasmim e a valenciana.

Oxum usa azul-claro e amarelo-ouro, mas por ser filha de Oxalá, também usa muito branco. Suas pedras favoritas são a turquesa, a safira, a jade azul e a sodalita. Ela gosta de flores amarelas, crisântemos amarelos e gardênias.

As guias da Oxum são feitas com 120 contas (alternando entre as cores azul e branca e por vezes também entre azul e amarelo ou amarelo e branco) fechando com uma firma dourada (âmbar) ou amarelo-ouro.

ERVAS DE OXUM

- agoniada;
- agrião;
- boldo;
- camomila;
- celidônia;
- coentro;
- colônia;
- erva-cidreira;
- erva-doce;
- gengibre;
- jasmim;
- lágrimas-de-nossa-senhora;
- lírio amarelo;
- mamão;
- melancia;
- melão;

- vitória-régia.

FRUTAS DE OXUM

- pêssego amarelo;
- maçã verde;
- melão amarelo;
- damasco;
- nêspera;
- bergamota ponkan.

OXUM USA SUA BELEZA PARA SALVAR OS HOMENS

Oxum sempre foi moça faceira.
Certa vez, quando Ogum não quis

Permanecer junto à forja de seus metais,
Oxum usou de todo o seu charme
Para ir buscá-lo na floresta.

Para ele dançou e dançou.
Conta a lenda que ele queria apenas
Voltar a ser um caçador, como outrora fora.

Estava cansado de permanecer na forja.
Mas quando a abandonou
Deixou o homem a sua própria sorte:
Não havia mais utensílios com que plantar

E mesmo os orixás começavam
A sentir na pele tamanha privação:
Tudo era mais difícil e até os sacrifícios
Começavam a escassear sem os metais de Ogum.

Foi no que Oxum se ofereceu para ir buscá-lo na mata.
Os outros orixás não acreditaram que ela podia.
Zombaram dela e fizeram piada de seus atos.
Mas ainda assim, e com a aprovação de Oxalá,
Ela foi até a mata, vestindo apenas cinco véus de ouro
Em sua cintura, pés descalços e seu abebê em mãos.
Quando se deu conta da presença de Ogum,
Fingiu não tê-lo percebido
E passou a dançar em meio às folhagens.
Ogum, vendo o belo corpo e a força da jovem,
Estava completamente dominado por ela.

Cada um de seus atos era uma resposta aos dela.
Ela foi se dirigindo, dentro em pouco,
Em direção à cidade, e ele sem perceber
Ia seguindo Oxum.

Oxum era faceira
E suas ancas remexiam de tal forma
Que não podia resistir o pobre Ogum.

Quando ele se deu conta,
Já estava no centro da cidade,
No que era aclamado por todos por sua volta.

Ogum, orgulhoso,
Não admitiu que apenas se deixara levar
Pelos encantos de Oxum,
E voltou para sua forja,
Mas também desposou
A jovem senhora dos rios,
E a fez sua companheira.

COMIDAS E BEBIDAS DE OXUM

Oxum se delicia com seu omolocum na beira do rio. Oxum come peixe e quer cocada.

Oxum é moça faceira, mas de carnes roliças. Oxum gosta de se regalar com seu omolocum e com suas cocadas. Oxum recebe seus pratos e ajuda as mulheres que querem engravidar e os homens que querem se enamorar.

Omolocum da Oxum

Um quilo de feijão fradinho inteiro
300g de camarão seco moído
300g de camarão inteiro
Azeite de oliva ou dendê
Oito ovos caipira cozidos
Duas cebolas grandes raladas
Gengibre para dar um toque
Cheiro-verde (tipo cebolinha e coentro)
Sal a gosto

Cozinhe o feijão fradinho sem deixar desmanchá-lo. Depois de cozido, pegue uma panela de ferro ou barro, coloque azeite de dendê, refogue as cebolas, camarão seco moído, gengibre e depois o feijão e o sal a gosto. Coloque o refogado dentro de uma travessa redonda (só pode usar vasilha redonda, nunca oval ou de outra forma) decore com os ovos cozidos inteiros e com o camarão seco inteiro. Enfeitado com camarões inteiros e ovos cozidos inteiros sem casca,

normalmente são colocados cinco ovos (para pedir amor) ou oito ovos (para fertilidade).

Ipeté

Um quilo de aipim
Uma cebola cortada em rodelas
Pimenta e sal
Meio quilo de camarão
Azeite de dendê

Descasque o aipim sob água corrente e cozinhe com água e sal. Passe no espremedor ou no pilão e faça um purê. À parte, cozinhe os camarões com tomate, cebola e sal. Junte o molho sobre o aipim e cozinhe mais um pouco para encorpar e pegar sabor. O prato é servido frio para a divindade, mas também pode ser servido para todas as pessoas, especialmente mulheres, pois acredita-se que contribui para a fertilidade.

PONTOS CANTADOS DE OXUM

Eu vi mamãe Oxum nas cachoeiras
Sentada na beira do rio
Eu vi mamãe Oxum nas cachoeiras
Sentada na beira do rio
Colhendo lírio, lírio li
Colhendo lírio, lírio lá
Colhendo lírio pra enfeitar o seu conga
Colhendo lírio, lírio li
Colhendo lírio, lírio lá
Colhendo lírio pra enfeitar o seu conga

Aie ie aieie mamãe Oxum
Aie ie aieie Oxumaré
Aie ie aieie mamãe Oxum
Aie ie aieie Oxumaré
Aie ie aieie mamãe Oxum
Aie ie aieie Oxumaré

Estava no alto das pedreiras
Olhando as cachoeiras, as matas e o mar
Iemanjá estava arrumando seu vestido
Xangô lhe deu um grito
Oxum vai levantar
Aieie Oxum vai levantar
Aieie Oxum vai levantar
Aieie Oxum vai levantar
Aieie Oxum vai levantar
E lá nas matas Oxossi assoviou
Aieie Oxum já levantou
Aieie Oxum já levantou
Aieie Oxum já levantou
Aieie Oxum já levantou

Eu vi Mamãe Oxum chorando
Foi uma lágrima que eu quis aparar
Oraieieu Minha Mãe Oxum
Não deixe a nossa Umbanda se acabar.

Eu vi a mamãe Oxum
Sentada na cachoeira
Colhendo lírio, lirulê, colhendo lírio, lirulá
Colhendo lírios pra enfeitar nosso Congá
Colhendo lírio, lirulê, colhendo lírio, lirulá
Colhendo lírios pra enfeitar nosso Congá

Na cachoeira, eu vi, eu vi
Rainha da cachoeira, eu vi, eu vi
Mamãe Oxum, abençoando seus filhos, lá na cachoeira

Capítulo 3

Outros Orixás que podem ser cultuados na Umbanda

Há outros Orixás que são cultuados e conhecidos, tanto na Umbanda Tradicional quanto na de Nação, na Esotérica e em outras vertentes. Entretanto, não fazem parte do grupo dos sete Orixás que acabam por delimitar as sete linhas da Umbanda. Por isso, este capítulo fará brevemente uma descrição deles, sem, contudo, se aprofundar. Para quem tiver interesse, no volume 1 do livro Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda, esses Orixás aparecem com maiores detalhes sobre seu culto e suas formas espirituais.

A única exceção, neste capítulo, é o caso de Yori e Yorimá. Ele é o Orixá ancestral que, por si só, representa toda a essência do espírito, a cabeça ou a coroa. Sobre ele serão dadas explicações mais detalhadas e relacionadas com algumas pesquisas científicas que analisam, no âmbito da Ciência das Religiões, sua origem e seu culto, além das relações com o culto ao Ori, proveniente da África.

OMOLU E OBALUAÊ

Na Umbanda, o culto a Omolu divide-se, pois há quem o cultue como Orixá e há quem o cultue como Exu, reinante nos cemitérios, dada sua intrínseca relação com a morte e a doença. É certo que o primeiro tipo de culto é mais típico das casas de Nação e o segundo, das casas de Umbanda Tradicional.

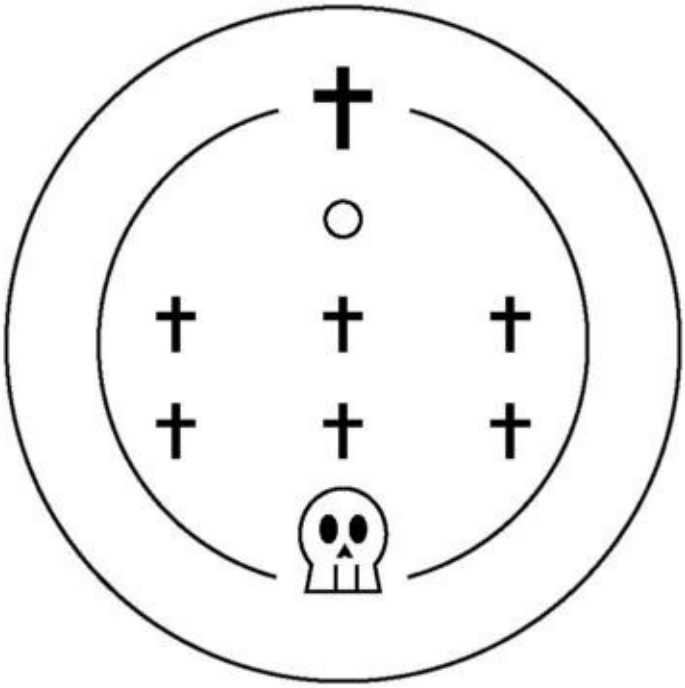


Figura 3.1 - Ponto riscado de Omolu como Exu de cemitério.

Omolu é temido e respeitado por todos, pois tem um poder grandioso em suas mãos e é genioso, por vezes mal-humorado e cheio de quizilas.

Suas histórias têm muitas versões, mas, na maioria delas, fica uma lição: ao ter sua fúria desperta, quer pelo desrespeito, quer pelo descaso ou por oferendas malfeitas, Omolu não possui qualquer misericórdia. Ele deita sobre quem o tiver desperto, não importa se uma única pessoa, ou se uma cidade inteira, não importa se um adulto forte ou uma criança frágil, sobre qualquer um que o desrespeitar, recai sua raiva. Isso significa que quem quer que a sinta vai conhecer a pestilência e a doença.

Mas ele também é aquele que detém o poder de curar, quando a causa é justa. Ele carrega em seus atós (cabacinhas) os segredos das doenças e suas curas. Ele já desposou lansã, que não ligou para sua pele coberta pelas cicatrizes da varíola, e por ele Oxum se enamorou, cuidando dele.

Uma coisa é certa, contudo: apesar de ser filho de Nanã Buruku, ele não se dá

bem com ela, pois quando nasceu, coberto de doenças e chagas, ela achou que este fosse morrer e o abandonou na praia, na areia, para morrer. lemanjá o encontrou e, compadecida, o criou. Fez dele um jovem forte, usou a água do mar para curar suas feridas e lhe deu de presente as pérolas do mar. Nanã, vendo que o filho sobrevivera e crescera forte, um dia o procurou dizendo ser sua mãe e contando-lhe o que se passou. Ele ouviu toda a triste história atentamente, mas não se compadeceu, pois ela o abandonara para morrer. Assim, ele jurou nunca reconhecê-la: para Omolu só existe uma mãe que é sua, ela é Iemanjá.

OSSAIM

Uma coisa é certa: por muito tempo Ossaim viveu nas matas e aprendeu lá o segredo das folhas. Embora não seja um Orixá típico da Umbanda, as folhas de que tanto nos valemos pertencem a ele e dele provêm seus dons de cura. Ele passou alguns de seus dons a Oxóssi, quando este foi viver nas matas com ele, mas muitos segredos ainda estão contidos apenas dentro de suas cabacinhas, os atos.

Contam as lendas de Ossaim que, por um motivo ou outro, ele sempre se refugiou nas matas e conhecia todas as folhas e seus segredos, os encantamentos, trabalhos e usos apropriados. Ele empregava seu conhecimento na cura das doenças e de outros males, preparando unguentos, banhos, bebidas e xaropes. A fama antecipava o famoso feiticeiro. Por onde passasse, todos sabiam que era um grande curandeiro e salvava a vida das pessoas. Mas por isso sempre cobrava.

Certa vez, salvou a vida de um rei, que quis lhe ofertar honras, títulos e riquezas. Ele aceitou apenas aquilo que lhe era de direito. Outra vez, quando sua mãe caíra doente, ele também cobrou seu preço, para espanto de seus irmãos. Sua mãe foi salva, mas ele foi renegado pelos irmãos.

O que nem todos sabem é que o dinheiro faz parte da magia das folhas. Paga-se o preço por tirar-lhes a vida e o poder. Antes seja com dinheiro, que é um bem puramente material. Esses preceitos, nem Ossaim pode mudar.

NANÃ

Nanã é a mais velha das mães-d'água, deusa cultuada pelos Jejês, primeira esposa de Oxalá, aquela que lhe deu seus filhos primeiros, Ossaim, Omolu, Oxumarê, lansã e Ewá. Era uma grande rainha e matriarca, poderosa e conhecedora de muitas magias. Nanã Buruku é a mãe ancestral que embala os espíritos no sono da morte, dom que remeteu à filha, lansã.

Mas Nanã também é vida, e conta a lenda que quando Oxalá moldou o ser humano, tentou fazê-lo de várias formas: de energia, como ele próprio, mas não deu certo, pois o homem não tinha energia suficiente para manter-se como tal. Tentou fazer de pau e pedra, mas em ambos o homem tornou-se duro, frio e imóvel. Tentou fazer de fogo, mas ele se consumiu. Foi então que Nanã Buruku veio em seu socorro: do fundo do lago calmo e cheio de lodo onde ela morava, tirou uma farta porção de lama fértil e deu a Oxalá. Com essa lama cheia de vida, ele criou o homem. Por isso, o homem a ela voltará no final de seu tempo. Nanã deu ao homem o começo, a lama que o formou, mas, no final, quer de volta o que é seu.

YORI E YORIMÁ

O ORIXÁ ANCESTRAL, AQUELE QUE ZELA PELA CABEÇA

Há quem considere Yori e Yorimá um Orixá ancestral, em duas faces distintas: a da Essência e a da Lei. Há quem considere que são irradiações da Linha das Almas e/ou da Linha de mesmo nome na Umbanda.

Uma concepção bastante difundida é ilustrada pela citação a seguir:

É uma linha que quase maioria absoluta, dá vários nomes, como sejam: Linha dos Pretos Velhos, dos Africanos, de S. Cipriano e até das Almas... Tem o seu mistério e significado real, na palavra YORIMA, que traduz:

POTÊNCIA DA PALAVRA DA LEI, ORDEM ILUMINADA DA LEI, ou ainda, PALAVRA REINANTE DA LEI.

YO – Potência ou princípio, Ordem
RI – Iluminado, Reinante
MÁ – LEI

Esta linha, como os próprios valores expressam, é composta dos primeiros espíritos que foram ordenados a combater o MAL em todas as suas manifestações. São os Orixás, velhos, verdadeiros magos, que velando suas formas kármicas, revestem-se das roupagens de pretos-velhos, distribuindo e ensinando as verdadeiras "milongas", sem deturpações.

São os senhores da magia e da experiência adquirida através de seculares encarnações.

Eles são a DOUTRINA, a FILOSOFIA, Mestrado da Magia, em fundamentos e ensinamentos, e representam os primeiros que adquiriram a forma na humanidade e no sacrificial.

O Planeta correspondente a YORIMA, é SATURNO, a cor é VIOLETA; a nota musical é LÁ;a vogal é o U; o dia é SÁBADO; o mediador é YRAMAEL, que se traduz como: POTÊNCIA OU MOVIMENTO REAL DA LEI DE DEUS.

Y – Potência ou Movimento
RA – Ser Rei, Reinar
MA – Lei
EL – Deus
(Anônimo, retirado da internet)

Infelizmente, é assim que se encontra a maioria das informações sobre Yori e Yorimá: suposições, "revelações" bastante duvidosas e especulações, usualmente sem fonte a comprovar. Sobre uma suposição, cons trói-se outra, e mais outra, e mais outra, e logo surgem tantas nuances e modificações que fica difícil encontrar a origem do termo ou do culto, e até mesmo entender qual a função dele.

Para muitos, o que acabou de ser dito pode soar como "heresia", "blasfêmia"

ou até mesmo desrespeito. Entretanto, como já foi dito no prefácio deste livro, optou-se por um caminho no qual a razão confirma a fé e lhe dá suporte e credibilidade. Se em todas as outras linhas da Umbanda há comprovações concretas para o que é apresentado e estudos que corroboram histórica e culturalmente suas origens e formas de cultos, além de serem suportadas pelo plano espiritual, por que não nesta? Por que nesse caso tudo tem de ser um tanto obscuro?

Fortuitamente, quando se fala em Yori e Yorimá, até pelo surgimento mais recente do termo, ainda é possível identificar sua origem linguística, e a partir disso, obter algumas confirmações históricas e culturais.

Na citação, atribui-se "YO - Potência ou princípio, Ordem/RI - Iluminado, Reinante/MÁ - LEI". Não há, contudo, qualquer tipo de citação sobre de que língua isso foi retirado (para se fazer essa afirmação, foram apuradas mais de 150 entradas em sites da internet e ao menos 25 livros, artigos e citações impressas). Alguns aventuram-se a dizer que isso vem de uma "língua sagrada do plano espiritual, falada pelos espíritos mais evoluídos". Esse conceito é discutível e, mais do que isso, duvidoso, já que a partir disso deduz-se que os deuses "escolhem" alguns "abençoados" que entenderam essa língua, deixando os demais na mais pura ignorância.

Por isso é que, há alguns meses, enquanto linguista, formada pela Universidade de São Paulo, iniciei uma pesquisa no sentido de entender a origem desse Orixá Ancestral, o real significado de Yori e Yorimá, segundo a linguística histórica e a origem do culto.'

As palavras Yori e Yorimá têm sua origem, provavelmente, no lorubá, numa divindade relacionada com a criação do mundo e dos homens, mas que especialmente representa o espírito, a inteligência e tudo quanto é característica humana cabível à cabeça ou coroa de cada um: Ori.

Ori é a divindade que representa a coroa de cada ser humano e, por consequência, a individualidade deles. É o sopro de divindade que torna cada um

único. O Ori não é um Orixá que provoque transe, ele é o próprio espírito ancestral, ele é a força dos que vieram antes de nós.

Mas como a palavra virou Yori, ou mesmo Yorimá?

No que concerne a línguas, existe uma coisa chamada variação linguística. Com o tempo, as inúmeras variáveis geradas ocasionam a mudança linguística: é assim que surgem as novas palavras.

É bem provável que esse tenha sido o caso, já que, no lorubá, "yo" é uma variação de "o" na qual não incorre mudança de significado, portanto "yori" e "ori" seriam a mesma coisa, com algumas diferenças no culto e nas manifestações entre Umbanda e Candomblé.

Já a palavra "Yorimá" seria o mesmo que "Orimá" - esse prefixo, por sua vez, provavelmente seja a junção de duas palavras com significados distintos: Ori + Oman = Orioman, com a mudança Oriman e mais tarde Orimá (já que o português tem uma tendência a acentuar a última sílaba das palavras com três partes silábicas). Mas qual o significado de Oman? Oman, no iorubá, é um prefixo, usualmente anexado às palavras, e parece ter significado muito semelhante ao de outro prefixo, Omó, que significa pureza, mas também tem relações com criança e juventude (usado para designar seres jovens ou de pouca idade).

Um exemplo disso é um canto do Culto Iorubano tradicional, em honra ao Orixá que habita o Ori:

Orisá ori, Sá ôun asé
Orisá ori, obé ioman
Orisá ori, Sá ôun asé, babá
Orisá ori, obé ioman

Cuja tradução literal seria:

A divindade que habita em mim é aquela que me fortalece
A divindade que habita em mim me faz puro
[como um recém-nascido][2]

A divindade que habita em mim e me dá força é meu pai
A divindade que habita em mim me faz puro
[como um recém-nascido]

Assim, pode-se dizer que Yorimá seria uma palavra usada para se referir à força ancestral mais pura que habita em nós.

Curiosamente, essas duas expressões sempre foram muito usadas por entidades como pretos-velhos - não é à toa que essa linha também é conhecida como Linha das Almas. Outras entidades que se apresentam nesse sentido são as crianças, símbolo da pureza e da eterna jovialidade do espírito.

Muitas das entidades que hoje se apresentam como pretos-velhos na Umbanda são grandes antigos sacerdotes dos cultos africanos, daí estarem familiarizados com elas e com seu culto. Por isso, também, serem a representação mais precisa daqueles que respondem pelos Orixás Ancestrais.

Anexo

Umbanda e Candomblé: conflitos e afinidades

> Posso não concordar com nenhuma das palavras que você disser, mas defenderei até a morte o direito de você dizê-las. Voltaire

Sempre ouvi, da minha mãe, um ditado que dizia que, caso quisesse conservar uma amizade ou mesmo uma boa relação, dever-se-ia, acima de tudo, não discutir assuntos como futebol, sexo, música e religião, afinal, opinião e gosto cada um tem os seus. Parece a coisa mais clichê a ser dita, contudo, é uma das mais verdadeiras e autênticas, pois infelizmente poucos seres humanos têm a capacidade de respeitar as opiniões e as verdades dos outros. Parece que há um mecanismo em nós que nos incita à necessidade de convencer os outros de que, acima de tudo, estamos sempre corretos. A opinião do outro sempre precisa ser revista, pois raramente está "certa".

Especialmente no caso dos frequentadores e adeptos do Candomblé e da Umbanda é muito comum haver críticas veladas a uma e outra prática, embora as religiões compartilhem origens e, por isso, possam ser consideradas irmãs.

Diferente do que possam parecer, as críticas não são fruto da maldade ou da intriga. Em 90% dos casos, elas decorrem do desconhecimento de uns sobre a prática dos outros.

Escrever este artigo levou-me a analisar os motivos dos conflitos e as afinidades existentes entre as religiões que podem ajudar a resolvê-los.

Em primeiro lugar, é necessário avaliar a estrutura de crenças e práticas, bem como a cosmogonia de cada uma das religiões. Seria um passo muito fácil caso se falasse de práticas formalizadas e padronizadas, com livros eclesiásticos que impusessem uma doutrina comum a todos. Mas não é o caso: tanto o Candomblé

quanto a Umbanda partilham de uma premissa comum: a diversidade de culto, crenças e rituais.

No caso da Umbanda, podem-se identificar muitas ramificações, com práticas diversas, nomeadas de diferentes maneiras: Umbanda Tradicional, Primado de Umbanda, Umbanda de Nação ou Umbanda Mista, Umbandomblé, Umbanda Esotérica, Umbanda Astrológica, Umbanda Sagrada, Umbanda da Magia Divina, Umbanda Omolocô etc.

Essa diversidade também pode ser encontrada no Candomblé, já que, dentro do escopo das religiões abarcadas por esse nome, podem-se encontrar diferentes "nações", que cultuam diferentes panteões, valem-se de diversas línguas e possuem uma diferente prática: Ketu, Alaketu, Angola, Bate-Folha, Jejê, Jejê Mahin, Nagô, Nagô Egbá, Jejê Nagô, Efon, Culto de Ifá, entre outros.

Já que existe uma pluralidade tal, como é possível dividi-las assim, em dois grandes grupos? Simples: similaridades ritualísticas e cosmogônicas. As diferentes vertentes da Umbanda partilham o culto a entidades ancestrais e a espíritos associados a divindades diversas, que podem pertencer ao catolicismo, a cultos africanos, hindus, árabes, entre outros. Aquelas que pertencem ao que se conhece por Candomblé, em princípio, cultuam apenas os Orixás e seus mensageiros, Exus, Legbas e outros.

Daí nascem as primeiras críticas, feitas entre ambos: muitos frequentadores da Umbanda, desconhecedores da realidade do Candomblé, indagam por que separar o culto dos espíritos do culto das entidades, já que são todos parte do mundo espiritual que nos cerca e todos são parte da criação divina e da força motriz do universo; já os adeptos do Candomblé julgam que os Orixás e Deuses são mais puros e de uma energia mais primordial, portanto não podem ser maculados pela energia dos espíritos que já viveram na Terra e passaram pelo mundo material, onde cometeram pecados e provaram a carne.

Nesse caso, quem está certo? Ninguém. Os adeptos do Candomblé têm seu ponto de razão e os de Umbanda também. E se os deuses e espíritos ou

mensageiros se manifestam em ambos para cumprir suas missões é porque cada caso individual, quem julga o que pode ou não ocorrer, o que deve ou não ser feito, é o Orixá, não o ser humano. A ciência das próprias capacidades pertence a eles mesmos, e quando se tece uma crítica contra o outro, tecem-se críticas contra eles, prepotentes. Tanto este é o ponto que, quando um Orixá ou entidade não se sente bem dentro de um culto, templo, vertente religiosa ou casa, ele mesmo se incumbe de conseguir outro lugar e mudar-se, levando consigo o filho e quem mais estiver associado a ele. Tudo é uma questão de aprendizagem e de necessidade.

Outro ponto diz respeito ao sacrifício de animais. A Umbanda, por primazia, não pratica qualquer tipo de sacrifício de animais. Já o Candomblé o faz por preceitos milenares. Como os primeiros não compreendem a necessidade da manutenção da tradição, nem o porquê de ela se realizar, surgem críticas, acusações de que os sacrifícios são sinal de atraso espiritual, crueldade e, em casos mais graves, até mesmo magia negra. O Candomblé, por sua vez, muitas vezes acusa a Umbanda de ser superficial e de desconhecer os ritos mais profundos dos cultos aos Orixás.

Novamente a pergunta: quem está certo? Ninguém. As acusações são vãs. Muitos Orixás precisam do sangue, do ejé. Outros não só não precisam, como não podem recebê-lo. Os seres humanos incorrem em erro ao tentar julgar o que é assunto dos deuses.

A lista segue e prossegue, e poderiam ser enumeradas milhares de questões como as levantadas, todas com base em afinidades malcompreendidas entre os grupos citados.

Uma solução para esse problema consiste em esclarecer para abrir discussões entre as religiões, não permitindo equívocos. Sem contar que, acima de tudo, o respeito deve ser mantido. SEMPRE.

OS ORIXÁS DO CANDOMBLÉ DE RAIZ IORUBANA: A CRIAÇÃO DO MUNDO E O PANTEÃO DO DAOMÉ QUE DEU ORIGEM AOS ORIXÁS

CULTUADOS NA UMBANDA

Oxalá, Ogum, Oxóssi, Xangô, Iemanjá, Oxum, Iansã, Nanã, Omolu são nomes que se conhece muito bem. Mas de onde eles vieram? Em geral, os adeptos da Umbanda conhecem suas funções e a maneira como trabalham, mas poucos sabem suas origens e sua criação. Mais do que isso, poucos conhecem a criação do mundo segundo o panteão Iorubano, ou panteão do Daomé.I

Diferentemente do que acontece no catolicismo ou em muitas outras religiões que possuem um padrão doutrinário, nesse caso não há uma versão, mas muitas, com elementos comuns, para a criação e a manutenção do mundo e da realidade tal qual se conhece. Para facilitar o entendimento, neste artigo serão enumeradas não as diversas versões, mas as narrativas comuns à maioria delas.2

Contam os babalaôs, os grandes sacerdotes, que no princípio havia apenas Olorum, o Grande Criador. Olorum teve muitos filhos, dentre eles Olodumare, o Sol. Olodumare, por sua vez, também teve filhos, dentre os quais um casal de gêmeos, Orún, o Céu e Ayé, a Terra. E aqui começa a história do mundo.

Orún e Ayé possuíam grande energia. Energia da Vida, energia criadora, e por isso, Olorum-Olodumare viram naqueles dois mundos um brilho que não havia em muitos outros. Olorum, então, mandou que habitassem em Orún seus filhos mais diletos, aqueles que são conhecidos como Orixás da Criação, o primeiro grande panteão.

E em Orún habitaram os Fun Funs, Orixás Brancos.
Orunmilá, o Senhor da Ordem.
Olokun, a Senhora do Caos.
Orinxalá, aquele que tece a vida.
Obatalá, o rei primeiro.
Ifá, o Senhor do Oráculo.
Oduduá, aquela que sopra a vida
Ajalá, quem esculpe a forma da vida
Oraniã, o moleiro dos deuses
Onilé, o governante de Ayé.

Todos os Fun Funs criaram a vida, cada um por sua vez, desempenhando seu papel. Mas eis que, a vida criada, era preciso que ela tivesse começo, meio e fim.

O Tempo, a quem chamam de Iroko, a árvore da Vida, dá aos seres vivos seu princípio e seu fim. O Tempo chega a todos. O Tempo de nascer e o Tempo de morrer.

Mas era necessário saber para onde se vai no meio do Caminho. Eis então que Orunmilá, que teve muitos filhos, entregou o Destino em suas mãos. Eles são chamados de Odus, os Senhores dos Destinos. São eles Òkánràn, Éjìòkò, Étàògúndá, Iròsùn, Òsé, Òbàrà, Òdí, Ejìoníle, Òsá, Òfún, Òwónrín, Ejílàsegbora, Ejíologbón, Iká, Ogbèògùndá e Aláfia.

Mas mesmo assim, a terra era informe e habitada apenas pelas águas profundas, que tinham sido dadas a Olokun, tornando-a Senhora dos Oceanos profundos. Era necessário que houvesse terra firme, para que algo além dos peixes de Olokun sobrevivesse.

Foi então que Oxalá, o Senhor da Paz, levou um pombo, seu animal, e uma cabaça de terra para a superfície. Deitou a cabaça sobre as águas e o pombo sobre ela. Ciscando, o pombo espalhou a terra, que ao se reunir formou os continentes.

Com a terra surgindo e se tornando fértil, Ossaim foi mandado por Orunmilá para tratar das folhas e plantas, e por isso se tornou Senhor delas, passando a conhecer todos os segredos do que elas podiam curar ou causar.

Oxalá permaneceu junto à terra para ver o resultado de sua obra e eis que, da mistura da terra e da água, também surgiu Nanã, a quem ele desposou.

Oxalá teve quatro filhos com Nanã: Oxumarê e Ewá, as serpentes que deram forma a terra, moldando com o movimento de seus corpos as montanhas e os vales, os planaltos e as planícies. Depois, veio Iansã, Senhora dos Espíritos e do Mundo dos Mortos.

Teve também Obaluaê, que nascera cheio de chagas e por isso a mãe o abandonara à própria sorte na beira do mar, no que foi acolhido pela filha de Olokun e Orunmilá, Iemanjá, que o criou como seu próprio filho.

Em determinado tempo, Nanã partiu para receber os homens nos portões da Morte, até onde eram levados por Iansã. Foi quando Oxalá desposou Iemanjá e da união deles nasceram os Orixás que ficam mais próximos da terra e dos homens.

Exu, o Mensageiro dos Orixás.
Ogum, o Senhor do Ferro.
Oxóssi, o Senhor da Caça.
Xangô, o Rei dos Homens e Senhor da Justiça
Oxum, Senhora dos Rios e das Cachoeiras
Olossá, Senhora dos Lagos

E Obá, a guerreira de uma orelha só, Senhora do Cobre.

Estes são os deuses que habitam o mundo até os dias de hoje. São os deuses que zelam pelo mundo.

Essa é apenas uma tentativa de síntese do funcionamento do panteão iorubano. Além dos citados, existem muitos outros Orixás, com as mais diversas funções. Isso porque os deuses africanos são parte da nossa existência e da nossa realidade, eles estão a nossa volta e fazem parte de tudo o que somos. São mais

de duzentos deuses, cada um com uma função específica, para reger a vida de toda uma comunidade, ou mesmo de apenas uma pessoa, já que cada indivíduo é importantíssimo para o funcionamento do mundo.

EXU ORIXÁ E O POVO DE RUA: A ESQUERDA E A MATERIALIDADE NA UMBANDA

A condição de Exu na Umbanda existe tanto como Orixá quanto como espírito que condiz com a figura do mensageiro, do "Povo de Rua". Ele é uma entidade bastante controversa, já que nas casas mistas e na Umbanda de Nação ele é cultuado como Orixá, mas na Umbanda Tradicional é tratado como espírito, a serviço dos Orixás, mas pouco evoluído, ligado à materialidade e ao mundano. Assim, essa é uma das entidades mais controversas, pois dados o seu caráter de ação material e sua natureza fanfarrona e vingativa, Exu foi tomado, em sincretismo, pelo Diabo católico. Essa associação fica explícita em pontos cantados como:

A porteira do Inferno estremeceu
E o povo todo para ver quem é
É a Rainha Pombajira
"Seu" Tranca-Rua, Sete Encruza e Lúcifer.

Todos os nomes acima são relacionados a Exu e sua atuação, exceto o de Lúcifer, o anjo caído precipitado aos Infernos no Gênese da Bíblia Católica. Outro fator que colabora para essa visão são os instrumentos de Exu Orixá: o ogó (uma espécie de porrete, com forma fálica, com o qual Exu protege as encruzilhadas e com o qual pune aqueles que vio Iam suas normas) e os tridentes (associados com o tridente com que o Diabo castiga as almas no inferno, mas que na verdade, nada mais é que a simbologia dos caminhos de Exu, os milhares de caminhos para onde ele pode ir).

Exu Orixá, na Umbanda, tem um culto muito restrito. As entidades que servem a seus fins, Exus de rua e Pombajiras é que acabam por realizar suas funções. Na Umbanda não se manifesta o próprio Orixá, mas sim seus mensageiros, espíritos que veem em terra para orientar e ajudar. Quando

incorporam, caracterizam-se alguns com capas, cartolas, bengalas (masculinos) e saias rodadas, brincos, pulseiras, perfumes e flores (femininos, também chamados de Pombajiras). Não é necessário, contudo, que os médiuns se valham destas vestimentas e artifícios para Exu. Cada terreiro trabalha de uma forma diferente, alguns centros uniformizam a roupa dos médiuns, onde todos vestem branco, por exemplo.

Encontram-se aqueles que creem que os Exus sejam entidades (espíritos) que só fazem o bem, e outros que creem que os Exus possam também ser neutros ou maus. Mas a maioria das pessoas e até mesmo dos médiuns e dirigentes não tem uma ideia muito clara da natureza da(s) entidade(s), quase sempre por falta de estudo da religião.

Os Exus não devem, portanto, ser confundidos com o obsessores, apesar de ficarem sob o seu controle e comando os espíritos atrasadíssimos na evolução e que são orientados por eles para a caridade e o trabalho do equilíbrio. Há algumas diferenças na maneira de ver Exu no Candomblé e na Umbanda. No primeiro, Exu é como os demais Orixás, uma personalização de fenômenos naturais.3

Já a Umbanda vê os Exus não como deuses, mas como entidades que buscam iluminação por meio da caridade. Em síntese, os grandes agentes mágicos de equilíbrio universal.

É preciso dizer, também, que os trabalhos malignos (os tão famosos "pactos com o diabo"), para prejudicar seriamente algo ou alguém, por exemplo, não são acordos feitos com os Exus, mas com os Kiumbas que agem na surdina e não estão sob a orientação de algum Exu, fazendo-se passar por um deles, atuando em terreiros que não praticam os fundamentos básicos da Umbanda. Os Exus são confundidos com os Kiumbas, que são espíritos trevosos ou obsessores, desajustados perante a lei, provocando os mais variados distúrbios morais e mentais nas pessoas, desde pequenas confusões até as mais duras e tristes obsessões. São espíritos que se comprazem na prática do mal, apenas por sentirem prazer ou por vinganças, calcadas no ódio doentio.

Alguns espíritos, que usam indevidamente o nome de Exu, procuram realizar trabalhos de magia dirigida contra os encarnados. Na realidade, quem está agindo é um espírito atrasado. É justamente contra as influências maléficas, o pensamento doentio desses feiticeiros improvisados, que entra em ação o verdadeiro Exu, atraindo os obsessores, cegos ainda, e procurando trazê-los para suas falanges que trabalham visando à própria evolução.

É necessário também falar um pouco sobre a Pombajira, que é um Exu-fêmea, uma entidade que trabalha na Umbanda na linha de esquerda e que tem em sua atuação central a sexualidade e a magia. Existem muitas linhas de Pombajiras atuantes na vida de cada pessoa, e cada uma manifesta-se de acordo com a seriedade do médium, se forem realmente Pombajiras.

Glossário enciclopédico de termos

AMACI

O amaci (vem da palavra amaciar, tornar receptivo) é um ritual umbandista pelo qual tanto os médiuns iniciantes quanto os mais antigos da corrente devem passar. Ele é o primeiro sacramento da Umbanda. Há diferenças entre o amaci de um médium iniciante e o de um já batizado, experiente e coroado. Esse ritual tem como finalidade preparar o médium para receber as energias provenientes de sua mediunidade com equilíbrio e confirmar as entidades que regem a cabeça daquele médium. É, como o batismo, um ritual de iniciação, e os mesmos preceitos (anteriores e posteriores) descritos para um valem para o outro.

Entretanto, não é o mesmo que batismo, já que este tem como finalidade purificar o corpo e preparar as energias que nele habitam. O batismo é o marco que dá início à nova jornada, uma opção da pessoa ou de seus pais (no caso de uma criança) para viver conforme as leis da religião, aceitando e querendo que a pessoa batizada aprenda a enxergar e a interpretar a luz da fonte criadora universal, dos Orixás, dos Anjos, Guias e Entidades.

O amaci, por sua vez, é destinado apenas aos filhos que já trabalham com sua mediunidade ou que já apresentam manifestações dela. Pode ser realizado tanto para acalmar essas manifestações, como para dar-lhes força. No caso das manifestações mediúnicas mais intensas e por vezes violentas (dada a pouca experiência do médium, sua falta de controle psíquico ou emocional ou mesmo dada a falta de doutrina das entidades), o amaci serve como um pedido de misericórdia e, ao mesmo tempo, como um ritual que força a energização e o controle.

CATOLICISMO POPULAR

Essa vertente do catolicismo foi a que teve a maior influência na formação da

Umbanda. Com a colonização, ele foi trazido por portugueses pobres e começou a ser difundido, e hoje também é conhecido como catolicismo tradicional popular. Além de portugueses pobres, alguns pequenos proprietários, índios "destribalizados", ex-escravos e sobretudo mestiços adotaram essa prática. Sua força é maior na zona rural, onde a influência do poder político do Estado é sempre menor, onde o sistema de trabalho quase se assemelha ao feudalismo medieval, com senhores e vassalos, daí as grandes referências a essa época histórica europeia e a outras tantas práticas. Essa vertente pode ter tido origem no fato de que eram mandados para a colônia os religiosos europeus, que para catequizar criavam meios um tanto diferentes do catolicismo canônico europeu da época.

Nesse catolicismo, a fé é construída sobre alguns princípios bastante diferentes dos da igreja católica canônica. Em primeiro lugar, é o homem leigo quem ocupa papel central; o especialista, isto é, o sacerdote ordenado, tem um papel secundário, o que faz que surjam as benzedeiras, os milagreiros e outros tantos personagens da cultura popular do sertão; há uma perda relativa da importância do sacramental diante do devocional; a fé é mais importante que o rito, e passa-se a perceber certa manipulação do sagrado com finalidades do cotidiano; por consequência, é sensível uma diferença entre religião e magia. A religião importa uma transcendência; a magia conota imanência. Enfim, releva-se notável o caráter protetor da religiosidade popular: ela visa à solução prática dos problemas do cotidiano e oferece uma segurança adicional diante do esforço material.'

Esse catolicismo é o que se comunica com a Umbanda Tradicional, emprestando a ela seus significados e práticas, como as rezas, as bênçãos, entre outros. Nesse catolicismo do povo e na própria Umbanda há certos elementos pertencentes à prática.

Quando se fala sobre santo, fala-se verdadeiramente sobre imagem, em volta da qual gira todo o mundo do catolicismo popular. A vida das pessoas centra-se nessa devoção, e elas se relacionam o tempo todo com o santo - conversam, pedem para proteger, resolver problemas, arrumar namorado etc - e podem até

ficar zangadas e virar a imagem para a parede ou colocá-la de cabeça para baixo, caso não sejam atendidas. A imagem personifica o poder sagrado, mas não é a fonte dele. Por isso, diz-se que a imagem não deve ser comprada nem vendida, apenas trocada, mesmo que por dinheiro.

A partir disso, surgem também os oratórios, que podem ser da casa ou da família, públicos ou ambulantes, levados por ermitões andarilhos que vivem de construir capelas. Destes, dos mais peculiares são os oratórios de almas penadas, erguidos geralmente para acalmá-las. A imagem que personifica o poder do santo é capaz de trazer paz às almas sofredoras que tiveram mortes terríveis e não descansaram em paz.

Em maior escala, esse mesmo cristianismo popular constrói igrejas e capelas, nas quais o padre aparece esporadicamente e pelos quais, os responsáveis são os fiéis leigos, que organizam rezas e novenas e onde há sempre uma velha senhora pronta para se valer de suas ervas e cruzar uma criança, tal qual um preto-velho de Umbanda.

Para essa vertente do catolicismo, todo morto desencarnado passa pelo purgatório, pois deve purificar-se de qualquer mancha de pecado; além disso, as almas nada podem fazer por si, cabe aos vivos orar por sua salvação, fazer grandes rezas, acender velas para iluminar seus caminhos e rogar por sua entrada no paraíso com o perdão de seus pecados; as almas só podem interceder junto a Deus por nós após sua entrada no paraíso, corroboradas por nossas preces e sacrifícios.

As orações para as almas que estão no purgatório, nesse catolicismo, são feitas tradicionalmente no cruzeiro do cemitério, que existe além de toda capela, uma espécie de "concentração e portal ao purgatório", presente nas crenças e que ganhou forma segundo a fé popular.

A despeito desse catolicismo popular, há no Brasil grandes santuários que, embora comandados pelo poder canônico católico, são reduto das maiores manifestações da fé e de realizações de milagres. São eles:

•Santuário de Nossa Senhora de Aparecida

•Santuário de Nossa Senhora da Penha

•Santuário de Nossa Senhora de Nazaré

•Santuário do Divino Pai Eterno

•Santuário Bom Jesus da Lapa

•Santuário de São Francisco das Chagas do Canindé

Da mesma maneira, as principais festas de santos cultuados no catolicismo popular são, em ordem cronológica, a dos Santos Reis, de São Sebastião, de São José, a Semana Santa, o Divino Espírito Santo, o Natal, as festas de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Conceição, além de Nossa Senhora do Rosário, São Francisco de Assis, São Benedito e os Santos Juninos: Santo Antonio, São João e São Pedro.

Tanto para ir aos santuários como às festas de cada santo, um dos maiores fenômenos que se criou foi a romaria, uma atividade religiosa de peregrinação e autossacrifício.

CULTOS DE ANCESTRALIDADE

São cultos que visam a estabelecer e fortalecer contatos com os espíritos dos ancestrais, isto é, pessoas que em vida pertenceram a uma mesma família, comunidade ou grupo. Para falar sobre cultos de ancestralidade é essencial falar sobre dois fatores importantíssimos dessa equação: a família e a história.

O conceito de família, para uma grande parte das comunidades africanas, é muito diverso do que conhecemos no nosso cotidiano. A família não é um mero laço de sangue direto - pai, mãe, filho, filha, avô, avó, tios e tias. Compreende todo o ambiente espiritual de que um indivíduo está cercado, está baseada na relação de cooperação, de ajuda mútua, de aprendizado. Em algumas comunidades, por exemplo, as crianças não têm um nome próprio até cerca dos

sete anos de idade. E isso não acontece, como alguns pessimistas tentam provar, por causa de altas taxas de mortalidade, e sim porque o africano enxerga que é a partir daí que a criança começa a desenvolver sua personalidade. Antes de ser um indivíduo, ele deve estar integrado ao ambiente coletivo e ao ambiente espiritual, e mais do que isso, ele não tem apenas uma mãe: ele tem as mães espirituais, aquelas que precederam as que hoje estão encarnadas, e ele tem todas as mulheres daquela comunidade como suas mães. A individualidade é um conceito europeu. Por isso, a convivência social africana, o respeito pelos mais velhos e pelas tradições é tão mais intenso e presente nas comunidades autóctones, isto é, tribais. A família e o coletivo transcendem a carne e o mundo físico. Tal qual o baobá, com raízes tão profundas, mas cuja copa tenta alcançar o mais alto do céu. O baobá é a fonte da ancestralidade e a história de todos os que estão em suas raízes, tronco, folhas e galhos é guardada cuidadosamente. Entretanto, é necessário lembrar que a maioria das línguas africanas não possuía escrita até o contato com o europeu e, mesmo até hoje, uma grande parte ainda não a possui. Então, como a história era guardada? De uma maneira muito simples: o africano especializou-se em guardar suas lembranças por meio da música e da poesia, memorizando-as. Surgiram os historiadores da palavra, conhecidos como griots, aqueles que as contam. Eles fixam em suas mentes as histórias e passam-nas de pai para filho, não só sobre uma família física, mas sobre toda uma comunidade. Histórias de reis e de gente comum; histórias de guerras, batalhas, vitórias e derrotas; histórias de migrações, secas e chuvas, de boas colheitas e de estiagem. Os griots são a palavra que mantém viva a chama ancestral, pois eles não permitem que aqueles que viveram antes, sejam perdidos da memória. Eles não guardam apenas histórias. Guardam conhecimentos, e justamente por isso é que se diz que, quando morre um griot na África, é como se toda uma biblioteca de exemplares únicos fosse queimada. E embora hoje exista o recurso da escrita, mais do que história e conhecimento, o papel do griot é um compromisso com o ancestral, o de não permitir ao jovem, à criança, ao homem e à mulher que se esqueçam de onde vieram, para que possam ter passos seguros na direção em que forem. Essa segurança livro algum poderia dar.

ENCANTARIA BRASILEIRA

Quando da chegada dos portugueses e de outros tantos exploradores dos mares no Brasil, não era difícil constatar que essas terras já tinham outros donos. Eles foram chamados de índios, pois se acreditava que aqui seriam as Índias.

Esse foi o primeiro momento em que deixamos de reconhecer as nossas raízes: o momento exato em que os tupis, tupinambás, tamoios, guaranis, entre tantos outros, passaram a ser índios. Selvagens. Almas perdidas a serem salvas pelo cristianismo português.

A força dessas raízes, entretanto, não deixou que essa ancestralidade morresse com a transculturação a que foram submetidos os povos que viviam no território nacional. Justamente é dessas entidades - os espíritos dos índios que aqui habitavam - e dos mestiços dos índios com os brancos e com os negros que nasceu a brasilidade que hoje vemos incorporada nos terreiros de Umbanda na forma dos caboclos, boiadeiros, marinheiros e entidades regionais (baianos, principalmente, mas também mineiros, gaúchos, e outros).

ESPIRITISMO

É o conjunto de crenças que consideram que a essência humana é baseada na existência de um espírito imortal, que passa por repetidos ciclos de encarnação e reencarnação, vida e morte. Esses processos admitem, além das sucessivas vidas, a comunicação entre os vivos e os mortos, geralmente por meio de um médium, ou seja, um mediador. A expressão também designa a doutrina e práticas das pessoas que partilham essa crença.

O termo espiritismo vem do francês antigo spiritisme, onde spirit: espírito + isme: doutrina. Surgiu em 1857, criada pelo pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, ou Allan Kardec, para nomear especificamente o corpo de ideias que ele defendeu em O livro dos espíritos. No entanto, rapidamente o termo foi incorporado ao uso cotidiano para designar tudo o que dizia respeito à comunicação com os espíritos.

Hoje o espiritismo compreende várias doutrinas e filosofias que creem na sobrevivência dos espíritos à morte dos corpos e principalmente na possibilidade

de se comunicar com eles, casual ou deliberadamente, via rituais ou naturalmente.

Os fundamentos do espiritismo consistem em alguns pontos essenciais. O primeiro é o de que o homem é um espírito temporariamente ligado a um corpo, num eterno ciclo de renovação; o segundo é o de que a alma, especificamente, é o espírito que se encontra ligado, ou não, ao corpo (encarnado ou desencarnado); o terceiro diz que o espírito, compreendido como individualidade inteligente da criação, é imortal; de acordo com o quarto, a reencarnação é o processo natural que permite vidas sucessivas, visando ao aprimoramento dos espíritos; e por último, a Terra não é o único planeta com vida inteligente.

PAJELANÇA E XAMANISMO2

O xamanismo é um termo genericamente usado em referência a práticas etnomédicas, mágicas, religiosas (animistas, primitivas) e filosóficas (metafísica), envolvendo cura, transe, metamorfose e contato direto entre corpos e espíritos de outros xamãs, de seres míticos, de animais, dos mortos etc. A palavra xamã vem do russo, tungue saman corresponde às práticas dos povos não budistas das regiões asiáticas e árticas, especialmente a Sibéria (região centro-norte da Ásia).

Antropólogos discutem ainda na definição xamanismo a experiência biopsicossocial do transe e do êxtase religioso, bem como as implicações sociais da definição do xamanismo como fato social, uma tradição equivalente à magia enquanto prática individualizada relacionada aos problemas e técnicas e ciência da sobrevivência cotidiana (agricultura, caça, Medicina etc.) ou ao fenômeno religioso, abstrato, coletivo, normatizador3.

O sacerdote do xamanismo é o xamã, que geralmente entra em transe durante os rituais, manifestando poderes incomuns, invocando espíritos, plantas etc. por meio de objetos rituais, do próprio corpo ou do corpo de assistentes e pacientes. A comunicação com esses aspectos sutis da vida pode se processar por estados alterados de consciência, alcançados por meio de batidas de tambor, danças e até

ervas enteógenas.

As variações "culturais" são muitas, mas em geral o xamã pode ser homem ou mulher, e muitas vezes há na história pessoal desse indivíduo um desafio, como uma doença física ou mental, que se configura como um chamado, uma vocação. Depois disso há uma longa preparação, um aprendizado sobre plantas medicinais e outros métodos de cura e sobre técnicas para atingir o estado alterado de consciência, bem como de formas de se proteger contra o descontrole.

O xamã é um profundo conhecedor da natureza humana, tanto na parte física quanto na psíquica.

O xamanismo é constante em diversas manifestações indígenas brasileiras. A palavra "pajé", de origem tupi, se popularizou na literatura de língua portuguesa em referência ao xamã. Nesse âmbito, trata-se da comunicação com os encantados e entidades ancestrais por meio de cânticos, danças, assim como nos índios guarani kaiová, e utilização de instrumentos musicais (maracá, zunidores) para captura e afastamento de espíritos malignos como mamaés, anhangás, utilização do jejum, restrições dietéticas, reclusão do doente, além de uma série de práticas terapêuticas que incluem o uso do tabaco (o pajé fuma grandes cachimbos) e outras plantas psicoativas, aplicação de calor e defumação, massagens, fricções, extração da doença por sucção/vômito, escarificação no tórax e locais inflamados com bico, dentes de animais ou fragmentos de cristais. No Brasil rural e urbano, apesar da tradição multiétnica dos ameríndios, observa-se a presença dessas práticas médicas-religiosas em comunhão com rituais católicos e espiritualistas de origem africana. Esse xamanismo é conhecido em algumas regiões como pajelança cabocla, culto aos encantados, toré, catimbó, candomblé de caboclo, culto a Jurema sagrada.

* Publicado pela Universo dos Livros, em 2009.

1AZEVEDO, Janaina L. - Tratado geral da prática da Umbanda no Brasil, publicado em síntese sob o título Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda -Volumes 1, II e II. Editora Universo dos Livros, 2009/2010, São Paulo, SP.

3Consultar "glossário enciclopédico de termos". Ver entradas: cultos de ancestralidade, encantaria brasileira e pajelança e xamanismo.

I Consultar "glossário enciclopédico de termos".

Consultar "glossário enciclopédico de termos".

I Ver "glossário enciclopédico de termos". Entrada: Culto ao Ori.

2 Deve-se levar em consideração, entretanto, que na lua nova, deve-se pedir por renovação, recomeço; na lua crescente, pede-se por tudo aquilo que há de se desenvolver e evoluir; na lua cheia, pede-se por fertilidade e criatividade, prosperidade e fartura; e na lua minguante, para afastar coisas negativas, diminuir influências ou mesmo cortar relações, desde que por motivo justo.

3 Para maiores informações de como fazer fios, consulte o volume III da coleção básica Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda, da mesma autora. Há uma seção sobre como fazer fios de entidades e de Orixás.

' A tese integral deste tema estará disponível no meu livro sobre as sete Linhas da Umbanda, em publicação por esta mesma editora. Por enquanto, aqui, coloco as considerações parciais de minha pesquisa.

2 Significado implícito, citado como nota de tradução.

2 Esta narrativa foi escrita especialmente para este livro, é de autoria da própria escritora e reúne suas experiências como pesquisadora de ambas as religiões, Umbanda e Candomblé, além de estudiosa de algumas línguas africanas, dando acesso a histórias contadas no idioma original.

1 Ver Capítulo 2, Orixás na Umbanda.

3 O Candomblé considera que as divindades, ou seja, os Orixás, incorporem nos médiuns. Na Umbanda, quem incorpora nos médiuns, além dos caboclos, pretos-velhos e crianças, são os falangeiros de Orixás, representantes deles, e não os

próprios.

' Trecho citado livremente de várias definições semelhantes que podem ser consultadas na referência.

2 Texto adaptado de Mircea Eiade, historiador russo e outras fontes. Também publicado parcialmente na Revista de Estudos Ameríndios, da UNICAMP: AZEVEDO, J. 2003

3 Fonte: Dukheim, E.; M, Mauss.